



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

RAQUEL ROCHA LIMA

***AS AVENTURAS DE UM VELEJAR NO MAR DA SALA DE AULA:
metáfora no ensinar e aprender ciências***

**CASTANHAL-PARÁ
2015**

RAQUEL ROCHA LIMA

AS AVENTURAS DE UM VELEJAR NO MAR DA SALA DE AULA: metáfora no ensinar e aprender ciências

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus Universitário de Castanhal da Universidade de Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Msc. Adriano Sales dos Santos Silva.

CASTANHAL-PARÁ
2015

RAQUEL ROCHA LIMA

AS AVENTURAS DE UM VELEJAR NO MAR DA SALA DE AULA: metáfora no ensinar e aprender ciências

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia.

Autora: **Raquel Rocha Lima**

Orientador: **Prof. MSc. Adriano Sales dos Santos Silva**

Banca examinadora:

Prof. MSc. Adriano Sales dos Santos Silva

Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará.
Atualmente é professor efetivo da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal.
Orientador

Prof^a. Dra. Eula Regina Lima Nascimento

Doutora em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinadora

Prof^a. MSc. Elisa de Nazaré Gomes Pereira

Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará
Examinadora

Prof^a. Esp. Lanna Karina Rodrigues

Mestranda em Educação na Universidade Estadual do Pará
Examinadora

Castanhal-PA: 03 de agosto de 2015.

Dedico...

A Deus, amante de Minh' alma!
Autêntico oleiro do universo...

Às três flores do meu jardim... **Filhas e mãe.** Maravilhosas!

Kerlly Monique, por compartilhar:

– Mãe, é incrível a chuva caindo gota por gota.

Kethellen Monise, pelo companheirismo:

– Eu fico aqui do lado, mesmo sem ajudar muito.

Maria Nocy, pelo cuidado e preocupação:

– Falta muita folha pra acabar? Terminou?

A todas as crianças que conheci... E ainda irei conhecer.

AGRADECIMENTOS

No complexo, porém espetaculoso reinventar de mim mesma, encontrei pessoas que cativaram a minha amizade, e se permitiram ser por mim cativadas. Sem o companheirismo destas pessoas, não teria sido possível a realização, não somente desta pesquisa, mas também o ingressar e concluir deste curso.

Digo, ainda, que a palavra agradecer carrega um significado que perpassa um ato nobre, e que neste momento me põe em desafios, pois, dentre inúmeras pessoas para agradecer, é tão difícil decidir quem não mencionar; entretanto, é preciso caminhar...

Com toda minha sinceridade e gratidão, anuncio alguns nomes.

A Deus soberano, autor e consumidor da minha fé. Por guiar-me em todas as caminhadas desse meu viver, e embalar-me em seus braços nos momentos mais difíceis desta trajetória, dando-me saúde e sabedoria para realizar esta pesquisa. A ele, autêntico arquiteto do universo!

À minha amada genitora, mulher guerreira, que me apresentou ao mundo, desvelando-me as janelas da vida, fazendo-me perceber que, com humildade, determinação e fé, os sonhos podem ser vividos. **Mãe**, suas correções e seus ensinamentos foram imprescindíveis para a formação da pessoa que sou. Amo-te!

À minha avó, exemplo de mulher! Vou sempre ser sua netinha...

À minha irmã, amiga e mestra Betânia Rocha, por ter me incentivado a dar continuidade aos estudos; quando nem eu mesma acreditava em grandes conquistas, você me fez perceber que “voar” era possível, então minhas “asas” cresceram fortes e hoje, com ousadia, “voou”. A você serei eternamente grata, por ter acolhido a mim e a minhas filhas em seu lar, num momento tão difícil da minha vida. Obrigada por acreditar e sonhar comigo!

Ao meu cunhado Ribamar, pela solidariedade e cuidado com minhas meninas.

À minha irmã Sulamita (*in memoriam*), em seu doce encanto de nosso “eterno bebê”.

À minhas amadas filhas Kethellen Monise e Kerlly Monique, pela compreensão de minha ausência, apoio nesta pesquisa, sorrisos, lágrimas compartilhadas, curiosidades de seres “perguntantes”, encorajamento e companhia nos momentos de cansaço e indecisões. A vocês ofereço o melhor de mim, meu amor, carinho e dedicação. E ainda ousou poetizar...

FOI ASSIM... É ASSIM...

No primeiro olhar; as amei,
No primeiro toque, sem reservas me entreguei;
No primeiro choro, compreendi que a vida com vocês seria mais feliz...
As amei ontem, hoje as amo e amanhã com toda certeza as amarei...

À minha sobrinha Samirah Rebeca que, com a pureza, inocência e curiosidade de sua infância, também me fez querer conhecer cada vez mais o maravilhoso universo das crianças.

Aos velhos amigos...

Davi Pereira, companheiro de idas e vindas para a Universidade, que, por entre uma pedalada e outra, risos, diálogos e olhos inundados, fizeram e fazem parte da nossa história de amigo-irmão... “Ei, quem te deu esse pacote de biscoito?” Só nosso!

Joelson Lima, nossas conversas filosóficas, tantos voos... Nem São Miguel conseguiu por barreiras em nossa amizade... “Não acredito! Você a chamou de Filó?” Segredo nosso!

Francisca Imaculada, jeitinho especial de chegar perto. Amigas sempre, nem Maranhão não é limite para nós. “Só na vaidade...” Nosso código!

Larisse Silva, alegria contagiante, como não amar você, minha irmã! “Mana, três filhos e um marido pra carregar nas costas...” Só nós duas! Obrigada pela amizade sincera, espero que fique ainda mais velha e saborosa... Vinho do porto!

Aos amigos “corujas” e companheiros de equipe...

Maria Suzane, sempre atenta, organizada e disposta a conversar; Belém nunca foi problema para nós. Nas madrugadas conectadas... Aquelas palavras foram no momento certo. “Vai dar tudo certo, vai ter que dar!” Lembra?

Gabriela Paixão, sempre sincera. Menina mulher! Negra loira!

Rodrigo Santos, o “chefe” afetuoso e companheiro. “Deixa comigo, pode mandar, trabalho dado, trabalho cumprido!” Sempre.

Fernando Palheta, seu “porém” sempre instigante; grande homem. Cicloterapia! Você se encontra bem aqui!

Tamela Melo, meiga, alegre e divertida, sua presença foi fundamental nesta jornada. Nos choros, risos, saltos, espantos e indecisões... Assim nos fazemos também. “Nossa, a cozinha está inundada!” Ficou marcado.

Aos “corujas” ainda digo obrigada pelos quatro anos e meio de convívio, amizade, companheirismo e por todos os momentos vividos tanto dentro quanto fora da Universidade. Velhos amigos corujas sempre se reencontram...

Ao meu amigo Pedro Ricardo, por doar seu ouvido tantas vezes ao longo deste percurso. Sua amizade foi imprescindível.

A todos os colegas da turma de pedagogia 2011, pelo compartilhar das indecisões, experiências e troca de saberes.

Ao casal Gilberto e Lindalva Melo, obrigada pela acolhida na família. Admiro muito vocês. Comidinha boa, dona Lindalva!

A amiga Lene Oliveira pelas doces e certas palavras nos momentos de incertezas. Você é maravilhosa!

A professora Elisa Pereira... Mulher de voz suave, olhar atento, gestos acolhedores. Obrigada pelos ensinamentos, amizade sincera e acolhida incondicional... Recorri ao **Aurélio**, mas não consegui encontrar adjetivos para significá-la em sua totalidade. Serei eternamente grata a Senhora...

Ao meu orientador Adriano Silva, que não cabe dizer somente orientador, pois o senhor foi companheiro e amigo. Com o senhor “aprendi desaprendendo”. Ainda que me torne mulher bicentenária, não poderei compensá-lo por tanta amizade e dedicação. Mestre inesquecível, seu significado é incomparável. Ao senhor debruço minha admiração e respeito. Esteve sabiamente no vento!

A minha velha escola... Anos Iniciais, Educação de Jovem e Adultos (EJA). Hoje PEDAGOGA... Momentos e amizades inesquecíveis!

À professora participante e companheira desta pesquisa, seu jeito respeitoso e afetuoso com as crianças me encantou. Obrigada por compartilhar tanta sensibilidade. Aprendizagem para toda vida!

Às crianças que vivenciaram esta pesquisa juntamente comigo. Obrigada pela parceria, solidariedade, ensinamento e carinho. Grandes Cidadãos! “Sempre perguntantes”.

A todos os mestres e mestras que ao longo de meu percurso acadêmico me ensinaram mais que teorias e, em especial, agradeço à **Professora Luizete Cordovil** por me orientar sabiamente no momento certo de maneira certa, para a realização desta conquista. A carta foi a estratégia mais acertada; ao **professor Assunção**, homem de grande pureza mesmo; à **Professora Ana Lúcia**, sempre bem humorada; ao **professor João Malheiro**, admirável mestre, exemplo de profissionalismo; ao **professor Renilton Cruz**, sábio mestre, o livro foi essencial neste caminho; à **professora Eliane Sabino**, mulher de olhar sensível, sempre amiga; à **professora Débora Alfaia**, mestra admirável, seus ensinamentos na companhia das leituras de Bourdieu provocaram a dança na camponesa; à **professora Patrícia Kimura**, mulher de sentidos atentos. Tenho por todos vocês grande admiração, carinho e respeito, pelos saberes e experiência comigo compartilhados. Muito obrigada!

Ao senhor Aluízio Marinho Barros Filho, homem atencioso e dedicado, sua atenção foi imprescindível para a realização deste sonho. Serei eternamente grata!

A todos que compõem a Universidade Federal do Pará, pois acredito que suas paredes foram construídas por meio da mão de muitos em muitas bravias lutas, para que um dia eu tivesse concluído essa graduação em esfera pública. Mas a luta continua, por isso agradeço à **Faculdade de Pedagogia de Castanhal (FAPED)**, aos **coordenadores e todos os funcionários**. Com vocês cresci ainda mais, tanto na vida profissional quanto na pessoal. E, ainda, ao programa da **PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PROEX)** e **DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA E INTEGRAÇÃO ESTUDANTIL (DAIE)**, do qual tive a grande oportunidade de ser bolsista. A bolsa estudantil foi imprescindível para minha vida acadêmica.

Aos mestres com carinho *in memoriam*...

Pensante Rubem Alves, que, mesmo sem conhecê-lo face a face, me ensinou também a pensar errado. Ele ficaria orgulhoso por isso.

O *vim a ser* de Paulo Freire, com quem pensando errado descobri que deveria continuar a pensar mais errado ainda.

A eles que, pela luz de suas palavras, continuam vivos!

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim não morre jamais...

(ALVES, 2012).

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender...

(FREIRE, 1996).

“A ciência não começa com aparelhos. Ela começa com olhos, curiosidade e inteligência”.

(...)

“No silêncio das crianças há um programa de vida: sonhos. É dos sonhos que nasce a inteligência. A inteligência é a ferramenta que o corpo usa para transformar os seus sonhos em realidade. É preciso escutar as crianças para que a sua inteligência desabroche”.

ALVES (2000)

“As crianças são os rios e os adultos as torneiras que se abrem e desperdiça toda inteligência das crianças”

KERLLY ROCHA (8 anos, 18/05/2012)

SUMÁRIO

Carta aos viajantes.....	11
1 - Seção I: Dores e sabores: entre perdas e inspirações para velejar.....	14
1.1 - Aprendendo a usar bússula: que direções seguir?.....	19
2 - Seção II: Leituras da cartografia: E agora? É hora de fazer escolhas.....	24
2.1 - Escolhendo uma rota inicial.....	26
2.2 - A embarcação e os tripulantes.....	27
2.3 - A história de uma capitã que se fez professora.....	30
2.4 - Turbulências à vista... E agora, pequenos marinheiros?.....	35
2.5 - Registro no diário de bordo: olhares e fascínios.....	40
3 - Seção III: A capitã e as descobertas no ato de cartografar.....	46
3.1 - Tripulação em ação: ensinando e aprendendo a ler o mundo.....	49
4 - A viagem acabou? Não, apenas mais um porto.....	53
5 - Referências.....	56
6 - Apêndices.....	58
Apêndice A: Diário de bordo	
Apêndice B: Roteiro de entrevista com a professora Rachel	
Apêndice C: Roteiro de entrevista com as crianças	

RESUMO

Nos anos iniciais o ensino de ciências se apresenta como uma ferramenta para possibilitar às crianças não apenas a leitura do mundo que as cerca, mas também inscrevê-las como sujeitos ativos na construção desse processo. Assim, na presente pesquisa, objetivo investigar percursos epistemológicos e pedagógicos no processo de ensinar e aprender ciências em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de um bairro periférico de Castanhal/PA. Para construção do referencial teórico, dialoguei com autores conceituados no que se refere ao tema em questão, como Moraes (1992), Freire (1996), Alves (2002), Bizzo (2009), entre outros. No que tange aos percursos metodológicos deste processo investigativo, busquei construir os dados tendo como suporte uma abordagem qualitativa, fazendo uso do método estudo de caso com as técnicas de entrevistas semiestruturadas, vídeogravação e diário de bordo. A escolha por estes procedimentos técnicos foi imprescindível à realização desta pesquisa, visto que possibilitou: registrar as práticas pedagógicas vivenciadas pela professora e as crianças, especificamente nas aulas relacionadas ao ensino de ciências, e sistematizar e analisar suas falas em relação ao processo de ensinar e aprender ciências. Os dados foram tratados a partir do entrecruzamento das técnicas utilizadas com o referencial teórico adotado. Os resultados da análise identificaram que, em meio ao processo de ensinar e aprender ciências, a professora enfrenta muitos percalços, mas, mesmo mergulhada nos impasses, ela busca possibilitar a (re)construção do conhecimento pelas crianças, levando em consideração as suas “vozes” em sala de aula. Desse modo, espero, apesar das limitações deste trabalho, poder contribuir para a melhoria do ensino de ciências nos anos iniciais, descortinando novos desafios e problemas de pesquisa para outras jornadas investigativas.

Palavras-chave: Percursos. Ensino de Ciências. Práticas pedagógicas.

LISTA DE SIGLAS

AEE: Atendimento Educacional Especializado

EJA: Educação de Jovens e Adultos

LIED: Laboratório de Informática Educativa

UFPA: Universidade Federal do Pará

PINAC: Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

Carta aos viajantes

Caros leitores,

Neste momento, ao buscar escrever estas primeiras linhas, lanço-me a grandes desafios, pois descrever a todos os leitores percursos que foram trilhados não é tarefa fácil. Contudo, busquei me permitir sustentar nossa conversa das **Dores e Sabores a Viagem acabou**, nesta árdua, desafiadora, mas prazerosa aventura.

Todavia, é preciso deixar claro a todos/as que este texto, na verdade, não é uma simples abertura introdutória, mas um convite, para juntos embarcarmos em uma viagem por águas desconhecidas. Podem embarcar. Sejam bem-vindos!

Tenho compreendido o processo de pesquisa como o ato de velejar. Assim sendo, lancei-me nesta investida que agora apresento. Embarquei em um veleiro e adentrei pelas “águas desconhecidas do universo de uma sala de aula” do primeiro ano, no qual uma professora e várias crianças vivenciam processos epistemológicos e pedagógicos, com destaque, nesta pesquisa, para o processo de ensinar e aprender ciências, sobre o qual Moraes (1992, p. 10) afirma que:

[...] a partir do momento em que o professor conhecer os caminhos que a criança percorre para a construção do seu conhecimento, deixará de dar ciências, de apenas falar de ciências. Deixará que a criança sinta o prazer de descobrir, de observar, de comparar, de classificar, e descrever a realidade em que a envolve. [grifo meu]

Em consonância aos apontamentos delineados por Moraes (1992), Bizzo (2009, p. 14) enfatiza que “ensinar ciências no mundo atual deve constituir uma das prioridades para toda a escola, que devem investir na edificação de uma população consciente e crítica diante das escolhas e decisões a serem tomadas”.

Os pensamentos dos autores supracitados constituem a ponte para significativas aprendizagens em relação ao que Freire (1989, p. 7) sublinha acerca da leitura:

[...] isto porque a leitura da palavra é sempre precedida, da leitura do mundo. E aprender a ler, escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. [grifo meu].

As questões elencadas pelos célebres autores, ao brindarem diante de nossos olhos, são pertinentes ao processo do velejar desta pesquisa, uma vez que ela anseia, além do que já foi explicitado, observar e registrar as práticas vivenciadas pela professora e crianças em temas

relacionados ao ensino de ciências. E ainda, busca-se sistematizar e analisar suas falas em relação ao processo citado.

Os prelúdios acima, referentes às relações entre professora e crianças, tornam-se ainda mais sentidos quando Alves (2008, p. 122) afirma que “as ciências da educação nos dão conhecimentos sobre as crianças. Mas não é o conhecimento que faz educadores. É preciso amar e respeitar as crianças. E isso a ciência não pode ensinar”.

Diante do apontamento do autor mencionado, penso que aprender a se debruçar a ouvir as crianças não é tarefa simples de se fazer, pois acredito que, para haver essa aprendizagem, é necessária a permissão; é preciso, pois, que professores e professoras se permitam ouvir às crianças, já que ostra feliz não produz pérolas, ela precisa sofrer com a coceirinha que lhe incomoda, para conseguir produzir boniteza (ALVES, 2008).

As “ondas” dos pensamentos de Alves desaguam em nós, produzindo maiores impactos quando Falabelo (2011, p. 155) enfatiza que “tarefa árdua é o desaprender, porque significa desconstruir-se; desfazer-se do cômodo e do habitual que se cristalizou em nossas formas de pensar e ver o que se põe a nossa frente”.

Assim, caros leitores, por entre um soprar e outro do vento nas velas deste veleiro que insistentemente busca navegar, não apenas me percebo, mas também sinto as dores da ostra em processo do desaprender, para tentar constituir pérolas em face de cenas pedagógicas e epistemológicas, ao ter a inteligência “cutucada” pelo orientador desta pesquisa.

Mas, para isso, foi também imprescindível aceitar o convite de Alves (2002, p. 44), segundo o qual: “fazer amor com as palavras é preciso [...] é preciso que o texto seja belo, é preciso que seja contravertido: uma colher de açúcar e uma mordida na pimenta...”. ***Mas, ousado, mesmo que temerosa, indagar: seria possível tentar olhar as minúcias e os indícios, que ficam às vezes somente na penumbra do olhar das crianças com sua professora e ela com as crianças, sem um pouco de olhar poético? E por que não?*** Claro que reconheço que esta pesquisa não conseguiria dizer o todo; no mais, uma pequena parte da realidade da sala de aula de aula.

Revestidos por essas “palavras-vida”, sigamos em nossa embarcação!

Antes, porém, informo-lhes que, ao traçar por essas investidas, as águas do mar, por vezes, se encontraram em processo de “pororoca” no pensar desta pesquisadora, em seus primeiros passos no mundo da pesquisa.

Penso que este processo seja fruto do reencontro das leituras de pensamentos teóricos, lembranças rememoradas, as constantes “desorientações” do orientador desta pesquisa,

envolvida com as águas já cartografadas em linhas antecipadas. Essas águas bateram e ainda batem no veleiro.

Mas acalmem-se! Há belas paisagens também...

Esta embarcação investigativa se aventurou em uma escola municipal localizada em um bairro periférico de Castanhal, onde passei boa parte de minha infância e adolescência. Após quase uma década distante do ambiente educacional, decidi retomar os estudos para concluir o ensino fundamental na Educação do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), proporcionando-me o encontro com mestres que também contribuíram para minha formação.

A fim de orientá-los, descreverei o mapa de nossa viagem, sinalizando os portos onde teremos que atracar as cordas do veleiro, para conversas silenciosas e reflexivas. Sem mais delongas, vamos conhecê-lo! Começemos pela organização da trajetória desta pesquisa, que está dividida em três seções, a saber:

Seção I: “Dores e sabores: entre perdas e inspirações para velejar”. Neste porto, esboço os contornos que me causaram inquietações, as dores de ideias que sofri, para que eu estivesse neste momento digitando estas palavras. E na subseção *“Aprendendo a usar bússola: que direções seguir?”*, tento relatar minhas experiências com o “desorientador” desta pesquisa no percurso da viagem.

Seção II: “Leituras da cartografia: E agora? É hora de fazer escolhas”. Nesta parada, senti-me novamente desafiada diante de tantas ferramentas metodológicas necessárias para a construção desta pesquisa. Seguem 6 subseções: em *“Escolhendo uma rota inicial”*, tentarei responder os porquês das escolhas. Já em *“A embarcação e os tripulantes”*; *“A história de uma capitã que se fez professora”*; *“Turbulências à vista... E agora, pequenos marinheiros?”*, encontro-me imersa em responsabilidades, desafios e experiências surpreendentes. Por sua vez, em *“Registro no diário de bordo: olhares e fascínios”*, capto alguns fleches de luz que uma parte da realidade se deixou mostrar.

Seção III: “A capitã e as descobertas no ato de cartografar” e a subseção *“Tripulação em ação: ensinando e aprendendo a ler o mundo”*. Nesta penúltima parada, vejo-me perante muitas responsabilidades, tentando analisar os dados constituídos ao longo da pesquisa.

E, finalmente, **“A viagem acabou? Não, apenas mais um porto”**. Aqui não vou contar. Todos a bordo! Sigamos...

1 SEÇÃO I – Dores e sabores: entre perdas e inspirações para velejar

“[...] a arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar a experiência”

(SOUZA, 2011, p. 38).

A partir do esboço do pensamento do autor citado nas linhas acima, penso que nossas histórias também se constituem de um passado que nos ajuda a tentar compreender as linhas que tracejam o nosso presente e, mais, tal reflexão suscita em nós o anseio por perspectivas de novas realizações. Assim, os recortes de nossas lembranças são necessários para nos compreendermos enquanto seres históricos, inacabados e inconclusos que somos no hoje, no agora, e é esse constante desaguar do *vim a ser* que nos diz que somos seres em processo de construção (FREIRE, 1983).

Debruço-me, então, a desenhar nessas linhas um pouco das minhas experiências vividas ao longo da trajetória referente ao meu processo de formação pessoal e acadêmica, imbuídas de momentos que foram ímpares em minha vida, que fizeram e fazem da mulher que sou buscar novos caminhos, rumo a um processo de constantes transformações.

Neste caminho acredito ser “[...] possível plantar suas sementes e colher seus frutos, estabelecendo vínculos perenes que, mesmo esmaecidos em nossa consciência, permanecem eternos em nossa memória emotiva [...]” (CHALITA 2005, p. 34).

Considero que, em meio às trajetórias da vida, existem momentos que deixam marcas. Embora, por vezes, essas marcas pinchem de cinza a paisagem do nosso viver, elas fazem parte de nossa história e, ao recordá-las, entramos numa existência de conscientização de si mesmo, para, assim, ao menos tentarmos entender a realidade que nos foi e está sendo dada. Confesso que rememorar esses desenhos não é tarefa simples.

Para começar a desenhar minha trajetória, é preciso relatar um pouco sobre minha caminhada enquanto estudante, que, confesso, foi um pouco conturbada. Digo isto, porque aos dezesseis anos parei de estudar e, por incrível que pareça, fiz isso para casar. E, por conta de uma visão machista, deixei silenciar sonhos em mim.

Não foi uma de minhas melhores escolhas, pois os momentos que vivi me trouxeram muitas angústias, solidão e decepções. Contudo, essa experiência me foi de suma importância para firmar meus passos na direção que hoje busco, apesar dos impasses e desafios a trilhar.

Ao trazer à lembrança essa parte que compõe minha vida, ainda sinto resquício de angústias, mas busco consolo ao pensar que tudo que passei me deu forças para querer vencer. Nesses momentos de fragilidades, eu sempre ouvia minha irmã dizendo “*ainda é tempo de voltar a estudar para você se tornar uma mulher independente*”.

Assim, movida pelo incentivo, aos vinte e três anos voltei a estudar. Matriculei-me na Educação de Jovens e Adultos (EJA), porém não muito à vontade, porque de certa forma me sentia velha para cursar a quarta etapa, além de ter duas filhas para cuidar.

Como a quarta etapa era à noite, eu cuidava da casa e das crianças durante o dia; os trabalhos da escola eram feitos de madrugada. Com tantos afazeres para conciliar, ainda tinha de suportar a rispidez do marido, que era totalmente contra a minha decisão de ter voltado a estudar.

Quando terminei a quarta etapa, achei que já era suficiente ter concluído o Ensino Fundamental, então, pensei que o emprego já estava garantido. Mas, novamente, lá estava ela, minha irmã dizendo “*não para ainda, termina pelo menos o ensino médio*”.

Assim, mais uma vez motivada pelos conselhos daquela que, além de ser irmã, é uma professora que buscou e busca semear no deserto *sementes no pensamento*, como diz Alves (2012), continuei enfrentando o meu marido e todas as outras adversidades que surgiam, principalmente em relação aos trabalhos da escola, os quais eu tinha de fazer nas madrugadas e à luz de vela, pois meu marido não queria ser incomodado... É claro que eu sabia que todas as implicâncias dele eram por causa da continuidade de meus estudos. Para evitar confusões, eu preferia me submeter a escrever sob a luz de velas.

Os três anos de luta e estudo no Ensino Médio haviam passado. Minha irmã e alguns de meus professores me davam forças para eu tentar o vestibular, mas eu dizia que o Ensino Médio já era suficiente para alcançar um bom emprego e vestibular não era para mim, visto que eu acreditava nunca conseguir passar, ainda mais por ter obtido poucas informações nos estudos da noite em relação às questões que eram exigidas no vestibular.

Ao terminar o Ensino Médio, em 2008, comecei a dar aula de complemento escolar em casa, para crianças de 1º ao 5º anos. Quando comecei a ensinar, foi para obter uma renda a mais para meu sustento e poder dar um estudo melhor para minhas filhas. Todavia, no decorrer do tempo, a singularidade das crianças, suas curiosidades, as falas que ecoaram em minha cabeça, como: “*oi tia... mãe eu aprendi a ler com ela*”, começaram a me encantar, e eu fui começando a amar a ideia de ser professora, pois muito me alegrava o fato de saber que muitas crianças aprenderam e muitas outras poderiam aprender a ler e escrever comigo, sem

contar o brilho dos olhos dos pequeninos que me conquistaram! Algo que pode parecer tão simples, mas, para mim, possui uma profundidade imensurável.

Como tinha me apaixonado pela ideia de ser professora, e movida pelos incentivos de minha irmã, escolhi prestar vestibular. Desse modo, ao pesquisar, percebi que pedagogia era o curso que atendia minhas perspectivas.

Em 2010 prestei vestibular, entretanto, meu nome não havia sido selecionado na lista classificatória para o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. A decepção de não ter alcançado o tão esperado sonho de cursar o ensino superior e ser professora me fez cair em profunda tristeza, foram muitas as noites em lágrima. Mas minha alegria retornou quando fui informada que meu nome havia sido anunciado em uma lista de repescagem.

Assim, no final de março de 2011, entrei na Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal (UFPA), concretizando uma ideia, um sonho, o almejar de uma conquista. Essa entrada foi como se uma porta tivesse sido aberta rumo a um caminho desconhecido, repleto de outros tantos caminhos. Senti-me como a *Dorothy em Oz*¹, caminhando pela calçada de esmeraldas. A cada disciplina uma nova “coceirinha” no pensamento.

Embora no percurso de minha trajetória acadêmica eu tenha encontrado professores que apenas buscavam transmitir conceitos teóricos, sem levar em consideração as experiências de vida de seus alunos e o que estes pensavam sobre os estudos que estavam conhecendo, grandes mudanças ocorreram em mim. Tive o encontro com alguns teóricos, mediados por mestres que, apesar daqueles transmissores de teorias, realmente “comeram a frutinha do conhecimento” diante dos meus olhos e, sim, provocaram-me o apetite, fizeram-me alçar pensamentos novos.

No decorrer das leituras e ensinamentos com esses mestres e mestras, resolvi mudar “as lentes” dos meus óculos. Essas mudanças ocorreram revestidas de muitas dificuldades e desafios que tive de enfrentar, mas, mesmo imersa nelas, passei a perceber o mundo de outra maneira, já que toda mudança produz efeitos, ainda mais quando essas mudanças são para nos tornar pessoas mais críticas e reflexivas perante um mundo que, até então, desconhecíamos sua escrita me era desconhecida.

Assim, a construção de meus pensamentos, para embarcar na aventura da caminhada do desenhar desta pesquisa, contou com as marcas de inquietações dos “provocadores de apetite,”. E juntamente com estes, alguns autores, a partir da leitura de seus escritos, me convidaram a “mergulhar” nas “ondas” de seus pensamentos ao longo destes quatro anos e

¹ Ao citar a personagem do filme “o mágico de oz”, minha intenção é demonstrar de maneira descontraída minhas descobertas a cada passo das disciplinas do universo acadêmico.

meio de graduação em Pedagogia. Semearam em mim a semente do pensar; “sofri com dor de ideias!”

Nesse contexto, destaco a disciplina intitulada Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil, ministrada pela professora. MsC. Elisa de Nazaré Pereira. Tal disciplina foi relevante para a materialização da pesquisa que me proponho a realizar, pois, com tanta suavidade, a professora me convidou a conhecer Kramer (2003), Alves (2001), Redin (2009), entre outros autores que discorrem a respeito da singularidade das crianças enquanto sujeitos reprodutores de culturas, que criam e recriam símbolos e linguagens, cidadãos de direitos.

Recordo-me das indagações da professora Elisa Pereira: *Como poderia definir o conceito de criança? Para mim infância é...? Qual o papel da educação infantil no processo de desenvolvimento da criança/infância...?*

Essas perguntas me fizeram refletir a respeito da educação infantil. Assim, percebi que cada criança possui seu tempo de aprender e, no decorrer desse processo, o professor/a deve estar atento em compreender diferenciadamente cada criança, respeitando sua maneira de construir seu pensamento. Para tanto, resalto, é necessário um olhar atento, mas não para transmitir conhecimento, e sim para possibilitá-lo. Neste sentido, há uma necessidade de “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.52).

As indagações começaram a fazer parte do cotidiano em minha sala de aula. A professora Elisa Pereira sempre nos dava uma resposta recheada de outras tantas perguntas. Ela lançava desafios ao meu pensamento e me fez querer voltar a ser um “perguntante²”.

Esses aportes teóricos entrelaçados aos relatos de experiências da referida professora me foram fundamental para a construção e reconstrução de meus conhecimentos. Provocaram-me a lançar meu olhar perante o mundo das crianças. Daí compreendi que é preciso se permitir entrar no vasto mundo delas, mas que, para isso, é necessário silenciar a voz “adultocêntrica”, a fim de tentar compreender como seus saberes “geminam” e “florescem”.

Mas como enveredar por essas tentativas se não nos dispormos a ouvi-las? Por isso mesmo, Alves (2001, p.67-68) nos lança um convite dizendo “é preciso ouvir os “miúdos”, para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os “graúdos”, para saber o que eles pensam e sentem”.

Tenho fotografado em minhas memórias a cena em que aparecem a fala entusiasmada e o brilho dos olhos da professora Elisa Pereira, em certa aula, quando mostrou para a turma,

² Refiro-me à característica de pessoas que fazem constantes indagações sobre o mundo que a cerca, geralmente esta é uma peculiaridade das crianças.

em slides, as imagens de seus momentos enquanto professora da Educação Infantil. Lembro-me, também, de seus relatos de experiências com as crianças, falava com tanta expressividade das curiosidades dos pequenos “perguntantes”; que o desejo em ser professora aflorou ainda mais em mim, minhas ideias começaram a fecundar!

Outra disciplina que suscitou em mim o desejo incessante para a realização deste trabalho foi Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Ciências, ministrada pelo professor. PhD. João Manoel da Silva Malheiro. O fazer deste mestre, em sala de aula, me mostrou que o ensino de ciências ultrapassa a leitura de textos ou decoração de conceitos científicos. Nessa disciplina, o professor João Malheiro me levou a refletir sobre as leituras de Moraes (1992), Carvalho; Gil-Pérez (1993), Freire (1996), Bizo (2009), Malheiro (2009), Pozo; Crespo (2009), Selbach (2010), entre outros autores que me despertaram o anseio de querer lançar um olhar investigativo em relação ao ensino de ciências na realidade da sala de aula.

Um dos episódios inesquecíveis das aulas do professor João Malheiro ocorreu quando ele propôs para a minha turma uma atividade em que deveríamos elaborar um plano de aula que contemplasse “*o célebre experimento da germinação da semente do feijão*”, a ser desenvolvida em uma turma dos anos iniciais.

Lembro-me do quanto foi prazeroso elaborar aquele plano. O professor João me levou a “navegar” por mares com ondas desafiadoras, minha inteligência foi “cutucada” e sentiu desejo de florescer. Os momentos de conversa com o professor João Malheiro sobre nossas escolas, quem são os alunos, qual a função dos professores e a relação do Ensino de Ciências com o nosso cotidiano; inquietou-me e ainda me inquietam.

Esses momentos de conversas entre professor e aluno realmente foram inefáveis para mim, pois as colocações do professor me possibilitaram ampliar minha leitura de mundo, refletindo certamente em minhas futuras ações enquanto mediadora de conhecimentos. Esses movimentos sinalam “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir” (FREIRE, 1979, p. 16).

Recordo-me das inúmeras vezes em que o professor João Malheiro me levou a refletir, por meio de seus relatos de experiências, sobre os desafios que ele enfrentou em sala de aula no Ensino Fundamental dos anos finais. Contava que, apesar dos condicionantes, ele buscava possibilitar a construção de conhecimento de seus alunos, levando em consideração suas perguntas, ansiedades, curiosidades e colocações.

Por conseguinte, percebi que, mesmo imerso a obstáculos, o “querer fazer” do professor faz toda diferença. Por isso, comungo do pensamento de Freire ao dizer que “professor e

alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossas alegrias” (1996, p.80).

Assim, minhas ideias fluíram!

A partir dos rascunhos que desenham minha pequena trajetória, muitas dúvidas pairaram em meus pensamentos. Comecei a me questionar: *Como nasce e floresce o desejo por pesquisar o que se pesquisa? Seria do emergir de uma ou algumas provocações instigantes? O que o pesquisador se propõe a investigar, necessariamente, terá que ser encontrado? E se não encontrar? Qual a percepção das crianças acerca do ensino de ciências?*

Entre tantas outras indagações, disponho-me e, por que não dizer, ousar, apesar das sensações de medo, lançar um olhar, mesmo que em posição de pesquisadora iniciante, a investigar percursos epistemológicos e pedagógicos no processo de ensinar e aprender ciências em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal de Castanhal/PA.

A partir do exposto, buscarei ainda inclinar meus sentidos na tentativa de saber como, me dispondo a observar e registrar as práticas pedagógicas vivenciadas pela professora e crianças em temas relacionados ao Ensino de Ciências e, assim, sistematizar e analisar as falas desses sujeitos em relação ao processo de ensinar e aprender ciências.

1.1 – Aprendendo a usar bússola: que direções seguir?

E cada um dispõe, também, de uma série de tramas nas quais as entrelaçam de um modo mais ou menos coerente. E cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu.

(LARROSA, 2010, p. 23).

O que seria uma pesquisa? Seria a busca por algo dissociado da vida, ou a própria vida? Como uma pessoa se torna pesquisadora? Seria a partir das conexões com os nossos outros em um dado espaço de tempo, na tentativa de compreender e compreender-se em um caminho?

A partir das indagações e tantas outras que me acompanham no percurso vivido e percorrido ao longo desta pesquisa, lanço-me a convidá-los a uma conversa por meio deste

texto, composto por palavras simples, para dar-lhes a conhecer e, por que não tentar compreender o processo de aprendizagem desta pesquisadora iniciante que lhes narra?

Tenho consciência de que me encontro em um universo acadêmico no qual os estudos científicos precisam ser tratados com certo rigor e seriedade. Mas penso que o científico também pode ser dito por meio de uma conversa que revela as experiências, que, apesar de um curto tempo, não deixa de ser um tempo vivido e sentido, e por que não dizer imensurável? Parando para refletir, será que aqui também não repousa epistemologias?

Em alguns momentos durante o decorrer do caminho desta pesquisa, senti-me como se estivesse em uma estrada deserta, imbuída por algumas curvas e encruzilhadas, sem ter certeza das certezas em que um dia me ancorei. Mas, adentremos um pouco mais pela pequena história deste percurso.

Enquanto digitava estas palavras, me veio como fotografia em minha memória o dia em que fui ao encontro do meu orientador pela primeira vez. De certo modo, quando um graduando ou graduanda busca ser orientada em um Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, o que se espera não é ser orientada para desenvolver uma pesquisa? Foi o que eu também pensei. Ser orientada para realizar uma pesquisa de TCC. Mas, vejamos, à frente, mais alguns rascunhos dessa história.

Ao chegar pela primeira vez ao gabinete do meu possível orientador, eu estava certa de meus pensamentos para a pesquisa: linhas traçadas, sem contornos ou desvios, digamos que sustentada em uma visão de começo, meio e fim, pré-estabelecidos e bem definidos para percorrer em busca de respostas para a “pergunta-problema” que levantei em meu pré-projeto de pesquisa.

Mas isso era o que eu pensava! Não passava em meus pensamentos que neste caminho teriam curvas e ladeiras, ou mesmo que, neste momento, eu estivesse a deixar nestas linhas e compartilhando com você, leitor, parte de mim, pois assim que tenho compreendido o ato da escrita, como desenhos gráficos que ganham vida e significados por descreverem e revelarem histórias, linguagens e sentidos de pessoas. Letras? O que são sem um sopro de vida? Mas é preciso admitir não ser tarefa fácil se permitir ser tocada por esse sopro.

Eis o dia da minha primeira orientação. Antes, porém, de falar sobre esse dia tão esperado, preciso confessar que me senti desorientada, foram tantas perguntas, e a cada tentativa de resposta, mais perguntas invadiam meu pensar. Neste dia comecei a repensar sobre tudo que eu havia pensado. Os *comos* e os *porquês* pairavam sobre meus pensamentos.

A cada orientação para construção desta pesquisa que ansiava por investigar percursos epistemológicos e pedagógicos em uma turma de crianças de seis anos, me sentia como se tivesse a velejar em águas desconhecidas e, por vezes, sentia que o vento eram as instigantes desorientações recebidas por ele, o meu “orientador”.

Para mim, como graduanda, era tão frustrante vê um texto que fora construído com tanto entusiasmo tornar-se repleto de perguntas que mais pareciam setas indicando ainda outras tantas perguntas. Na verdade, eu queria as respostas que me dessem condições de afirmar as questões levantadas em meu projeto de pesquisa. Mas, se um dia pensei em ter sofrido com dor nas ideias, agora as sentia profundamente.

Lembro-me do meu orientador, ou desorientador, como melhor me cabe chamá-lo, perguntar sobre minhas aspirações pela pesquisa, mas não aquelas já explícitas no papel. Esse instigar desordenava meu pensar, sentia um desarrumar nas ideias.

Nesse momento que percebi que, apesar das experiências com as leituras teóricas, a pesquisa que me propusera a realizar precisava de perguntas sobre mim na posição de pesquisadora, mesmo que em seus primeiros passos, para que este caminho levasse-me a outras tantas indagações, e não afirmações e/ou confirmações sobre a realidade da sala de aula que ainda não havia sido observada, vivida e muito menos sentida.

Ressalto que tenho buscado compreender, mesmo que eu tenha passado por uma parte da realidade de uma sala de aula e ela passado por mim, não teria condições de desenhar concepções totalizadoras da atmosfera daquele ambiente, pois será que esta realidade caberia em um projeto de pesquisa? Meu olhar seria capaz de captar toda leitura de seu contexto?

A cada encontro para a orientação, eu me encontrava em um desencontro no pensar, como se estivesse sem norte, sem chão, porque eu não conseguia entender as finalidades das instigações e provocações do meu orientador; era como se ele estivesse provocando um processo de desordem em meu pensar, almejando suscitar em mim a constante busca pela tentativa da compreensão de mim mesma como pesquisadora aprendiz diante dos percursos epistemológicos e pedagógicos na sala de aula que estava sendo investigada. Este processo foi desafiador e bastante árduo para mim.

O caminhar desta pesquisa se deu por entre as orientações “desorientantes” e os momentos investigativos na sala de aula. ***Neste percurso, foram muitas as vezes em que tive de parar para uma autorreflexão e, com isso, passei a compreender que o fazer da professora era mais que uma mão que escrevia no quadro; a sala de aula não poderia ser vista a partir das cadeiras enfileiradas; e as crianças que se encontravam sentadas em suas***

carteiras não eram espectadores “escutantes”. Então, comecei a perceber que “sala de aula” era apenas uma expressão, mas que por trás desta havia um significado, e por que não dizer sopro de vida? E não seria a própria vida?

Vale destacar que os significados que foram possíveis perceber na sala de aula consistia em pequenos “flechas de luz” que uma parte da realidade se deixou mostrar, pois tenho acreditado que diante a complexidade e amplitude do processo de ensinar e aprender, exista mais intensidade. Acredito que, além das entrelinhas do contexto da realidade, ainda existam outras linhas.

Tenho refletido que caminhar em um percurso de pesquisa não é tarefa simples. A tentativa do “encontrar-se” no trajeto me causou certos desconfortos que, por vezes, tive a sensação de ouvir gritos “silenciosos” em mim. Passei, então, a perceber que a procura por aquilo que se investiga precisaria primeiramente passar pelos meus sentidos.

O que se revela no percurso da pesquisa se mostra em certa escultura de uma realidade, e *qual seria a função do meu olhar enquanto pesquisadora? Não seria também me enxergar esculpida, pelo menos em alguma parte dessa escultura? E a escola, a sala de aula, as crianças e a professora não seriam partes dessa escultura também?*

Os encontros e desencontros de mim mesma, neste processo, têm me conduzido rumo a pensamentos reflexivos em relação a esse viver e aprender a fazer pesquisa. Penso que não pode ser possível fazer pesquisa sem ao menos tentar-se ver como parte integrante do processo.

Devo admitir que essas tentativas causaram-me muitas sensações temerosas, medo de me encontrar frente às minhas fragilidades e de não dar conta da leitura do contexto tão complexo dos fazeres da sala de aula. Mas, mesmo diante desses e tantos outros temores, tenho compreendido que o ver das possibilidades é fruto de muitas incertezas que, em um dado momento das “desorientações”, pousaram e ainda pousam sobre mim.

Tenho buscado entender este percurso de pesquisa como um processo de aprendizagem conduzindo-me a vivenciar experiências epistemológicas e pedagógicas, despertando meu olhar investigativo, levando-me ao desdobramento de mim mesma neste caminhar.

Acrescento, nestes rascunhos, que *venho, mesmo que temerosa, desenhando, que por várias vezes nesta trajetória de pesquisa tive a sensação de um desconcerto por escrever em primeira pessoa nestas linhas, visto que penso ser tão desafiador mostrar a face ao mundo por meio da escrita; assinar o nome em uma produção textual não seria assumir-se?*

Entendo essas descobertas como construção de conhecimento que foi possibilitado, no âmbito de um processo de ensino e aprendizagem, entre orientador e orientanda, vivenciada em meio a um montar e desmontar das ideias, dos pensamentos. ***E não seria nesta montagem e desmontagem que se dá a construção de conhecimentos, levando a ter experiências investigativas?***

Anuncio ainda, nestas linhas, que tenho percebido o processo do caminho investigativo como o ato de velejar. Sim, velejar por águas desconhecidas que, muitas vezes, nos trazem dúvidas, incertezas, riscos e desafios a serem enfrentados. O vento seria as ondas do pensamento, por vezes, desordenado no processo de fazer e desfazer as velas, as experiências com as leituras teóricas adquiridas ao longo do caminho; o mar, o espaço de investigação.

E o orientador desta pesquisa? Esteve todo tempo no vento.

Após tantas desorientações no percurso deste trabalho, deixo-vos nesta seção, apresentando-lhes minha descoberta em relação às indagações que iniciaram esta conversa: penso que pesquisar é aventura-se no viver aprendendo a se fazer no processo da pesquisa, mas sem perder do alcance do olhar, e esse “fazer-se” precisa ser uma prática constante. E todos esses elementos não seriam vida?

2 – SEÇÃO II – Leituras da cartografia: E agora? É hora de fazer escolhas

Nesta seção, exponho, diante as escolhas a se fazer, os percursos metodológicos que foram assumidos no processo desta pesquisa. Descrevo os porquês do *locus*, dos participantes da pesquisa e, ainda, os caminhos que foram necessários trilhar para o desenvolvimento da construção dos dados, e as categorias que emergiram para análises, na busca de investigar percursos epistemológicos e pedagógicos no processo de ensinar e aprender ciências em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental.

Cabe ressaltar que as definições quanto ao tipo de pesquisa, procedimentos e abordagem metodológica foram sendo construídas ao longo do processo de “desorientação”. Minha intenção inicial era investigar, em sala de aula, o que as crianças têm a dizer a respeito dos fenômenos que lhes estão sendo ensinados. Todavia, posteriormente, precisei expandir o escopo do trabalho, incluindo também como objeto de investigação o fazer pedagógico. Isto ocorreu após o presente estudo integrar-se à pesquisa de doutorado de meu orientador, centrada na formação continuada de professores no ensino de ciências e matemática nos anos iniciais.

Desse modo, os procedimentos e etapas da investigação foram organizados de modo a atender, de um lado, às demandas deste Trabalho de Conclusão de Curso e, de outro, de modo geral, à pesquisa de campo do Doutorado. O mesmo ocorreu com o processo de orientação de minha colega concluinte Tamela Melo. Sendo assim, formamos uma equipe na fase de constituição dos dados empíricos e teóricos.

Assumo, neste percurso metodológico, a responsabilidade de apresentar um pouco da trajetória de vida da professora participante desta pesquisa, assim como o perfil da turma e das crianças que foram as colaboradoras ao longo deste trabalho.

Em meio a tantas opções que o universo científico nos proporciona, peguei-me em um dado momento a me indagar dizendo: e agora? Diante da indagação, percebi que se tratava da hora de fazer escolhas.

Diante do desenho que compunha a paisagem da realidade que anseio investigar, assumo a **pesquisa qualitativa** ao compreender que esta seria um suporte adequado e satisfatório para o enriquecimento tanto da trajetória quanto dos possíveis resultados da pesquisa, visto que, segundo Minayo (2008, p. 21), a abordagem qualitativa:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue

não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes [...].

A partir dessa perspectiva, compreendi que esta abordagem contribuiria em minha busca pela investigação dos percursos epistemológicos e pedagógicos que ansiava vivenciar em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma escola do município de Castanhal.

Perante o objetivo mencionado e reconhecendo que a pesquisa qualitativa me proporcionou diversos métodos, escolhi trilhar o **estudo de caso**, pois este “é uma categoria de pesquisa cujo objetivo é uma *unidade* que se analisa profundamente” (TRIVIÑOS 1987, p. 113).

Ainda em consonância ao pensamento de Minayo (idem), ressalto que ancorei-me nesta abordagem, por entender que esta também me daria condições necessárias para perceber o emergir das categorias de análises no decorrer da caminhada da pesquisa.

Na tentativa de compreender melhor as questões particulares de uma parte da realidade em uma sala de aula, dispus-me ainda em trilhar pela **pesquisa de campo**. Segundo Minayo (2008), esse tipo de pesquisa baseia-se na observação dos fatos, dando suporte ao pesquisador/a para observar, delinear, explorar e interpretar seus aspectos particulares, além de dar liberdade para os participantes exporem seus pensamentos e maneiras de agir.

Ao adentrar em campo, busquei, também, com intuito de registrar momentos intrinsecamente relacionados à temática e aos objetivos propostos, suportes técnicos que me possibilitassem a constante busca por possíveis interpretações de uma dada realidade a ser, dentro dos limites, analisadas.

Na investida desta pesquisa, percebo a **vídeogravação** de aulas (a partir da autorização dos participantes) como uma técnica, não infalível, mas bastante eficaz para o processo de ver e rever momentos condizentes aos objetivos que foram delineados neste percurso, uma vez que:

[...] as lentes de uma câmera encarnada na sala de aula, tendo um pesquisador por trás, permite ultrapassar os limites do observável na relação aos processos de ensino e aprendizagem e nos leva, sem dúvida, a uma mudança de paradigma nas pesquisas didáticas [...]

(CARVALHO, 2006, p. 32).

Embora uma câmera de vídeo nas mãos de um/a pesquisador/a capture momentos relevantes de uma aula, essenciais à pesquisa, seus sentidos e significados precisam de um cuidado bastante minucioso, haja vista que o processo de ensinar e aprender são fenômenos amplos, complexos e desafiadores.

Diante disso, percebo, pois, a necessidade, além das gravações, de utilizar também como instrumento técnico o **diário de campo**. Tal decisão metodológica deve-se ao fato de tal instrumento, a meu ver, constituir-se uma ferramenta que me possibilitará registrar e organizar os momentos observados durante o percurso investigativo (MINAYO, 1993).

Optei também pela **entrevista semiestruturada**, a qual, entre outras técnicas, é um instrumento da abordagem qualitativa que, de acordo com nosso entendimento, revela-se como mais uma possibilidade para sistematizar e analisar as falas dos participantes em relação ao processo de ensinar e aprender ciências. A entrevista semiestruturada “valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS 1987, p.146).

Assim sendo, durante o percurso metodológico, encontrei-me a enfrentar desafios por ter que escolher ferramentas necessárias para a realização deste trabalho, dentre tantas outras ferramentas que o universo científico dispõe aos pesquisadores. Como dito no início, nesta seção, busquei estampar as escolhas assumidas e os seus *porquês*. Mais adiante, tentarei revelar os procedimentos com os quais os dados passaram a serem tratados. Adentremos na próxima investida!

2.1 – Escolhendo uma rota inicial

Compreendendo que os aspectos metodológicos vão para além dos percursos explicitados anteriormente e, levando em consideração as características e objetivos da pesquisa, ***deparo-me mais uma vez indagando-me: E agora?***

O motivo pelo qual me indago deve-se ao fato de ter sentido que chegará a hora de fazer escolhas no que concerne ao tratamento que os dados construídos ao longo do percurso desta pesquisa irão receber.

Uma vez ter enveredado pelos caminhos metodológicos já citados, lanço-me a tratar os dados construídos, realizando uma espécie de entrecruzamento entre algumas cenas do cotidiano da sala de aula que foram videogravadas, as falas relevantes do momento da entrevista e o diário de campo, no qual registrei os momentos condizentes à temática de investigação que não foram possíveis de serem captados pela lente da câmera filmadora.

Para elaborar o entrecruzamento, realizei a transcrição de todas as entrevistas que foram audiogravadas e descrevi as cenas mais relevantes para a pesquisa. As anotações do

diário de campo, o referencial teórico e o meu olhar de pesquisadora em fase de conclusão de graduação constituem o *corpus* da pesquisa.

Assim, busquei interpretar e analisar os percursos epistemológicos e pedagógicos no processo de ensinar e aprender ciências, levando sempre em consideração os percursos epistemológicos e pedagógicos no processo de ensinar e aprender que os participantes desta pesquisa permitiram ser observados e analisados.

2.2 – A embarcação e os tripulantes

Por questões éticas, o nome da escola onde a pesquisa foi desenvolvida será mantido em sigilo. Para me referir à escola, utilizarei o pseudônimo “Sonho possível”.

Assim, a Escola de Ensino Fundamental Sonho Possível foi fundada no dia 06 de junho de 1990, localizada no bairro do Jaderlândia, em uma zona periférica de Castanhal. Surgiu da necessidade de haver mais uma instituição de ensino que atendesse os anseios da comunidade, já que, em virtude da grande dimensão geográfica do bairro, a quantidade de escola não era suficiente para a demanda de crianças, mulheres e homens que possuem o direito à escolarização.

A escola atende em três turnos, sendo o primeiro de 07h30min. às 11h30min., o segundo de 13h30min. às 17h30min. e o terceiro das 19h00min. às 22h00min. O atendimento é direcionado ao Ensino Fundamental Regular e à EJA, a um quadro quantitativo de 1.581 alunos, regulamente matriculados e organizados nos turnos da manhã, contendo 647, tarde, 573 e noite, com 361 da EJA.

Com relação à estrutura física, a escola dispõe de um espaço dividido em 19 salas de aula, 1 sala de Artes, 1 sala da diretoria, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 sala dos professores, 1 laboratório de Atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 laboratório de informática, 1 sala de leitura, 1 quadra poliesportiva coberta, 4 banheiros divididos para atender crianças, funcionários e pessoas com necessidades especiais, 1 copa, 1 secretaria, 1 sala de reforço e 1 almoxarifado.

Quanto aos recursos humanos, a escola possui 3 diretoras, 4 coordenadores, 1 secretário, 1 agente administrativo, 20 serventes, 4 merendeiras, 5 auxiliares e 4 vigilantes, 82 professores, sendo destes 22 Pedagogos, 13 técnicos de magistério, 2 professores de Matemática, 1 de História, 2 de Letras Inglês, 1 de Letras Espanhol, 2 de Letras Português, 1 de Geografia, 2 de Libras e 3 de Ed. Física.

A escola também atende os alunos em Projetos que são realizados nos contraturnos. Dentre os projetos desenvolvidos, destacam-se: *Reforço Escolar*, *Ler bem para Escrever Melhor*, *Sexualidade à Flor da Pele*, *Com vidas* e o Programa Federal *Mais Educação*, que oferta reforço escolar aos discentes nas áreas de esporte, letramento e matemática.

O critério para escolha dessa escola como *locus* da pesquisa deriva do fato de ter sido nessa instituição que passei grande parte da minha infância cursando os anos iniciais. Além disso, após alguns anos, retornei a ela para concluir o Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), mesmo contrariando uma imagem masculina.

Ao ingressar nessa escola na condição de pesquisadora em fase de término de graduação, senti-me realizada no sentido pessoal e profissional. Isto porque vislumbrei a possibilidade de poder contribuir com meus antigos professores e toda a comunidade escolar nesta investida de caminhar em um processo investigativo, contribuindo, igualmente, em minha formação de futura professora.

Por questões éticas, as identidades dos participantes da pesquisa, assim como o *locus* deste estudo serão mantidos em anonimato. Ressalto que o nome que se refere à professora foi escolha sua, visto que, em um dado momento desta pesquisa, em conversa informal, perguntei-lhe por qual nome ela gostaria de ser chamada se tivesse de escolher; ela respondeu “Rachel”, pois seria o nome que sua mãe havia escolhido, mas por forças maiores não o recebeu.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho e a compreensão de que o processo de ensinar e aprender se faz intrinsecamente entre professor/a e crianças e/ou crianças e professora, já que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE 1996, p. 25), esta pesquisa contou com a participação de crianças de seis anos e uma professora.

Com relação à escolha das crianças de seis anos, o critério utilizado levou em conta o fato de elas terem saído da Educação Infantil e estarem dando seus primeiros passos nos Anos Iniciais, sendo este período “um divisor de águas entre o pensamento infantil voltado ao imaginário e aquele que se preocupa em adaptar-se ao mundo real” (RAPOPORT; FERRARI; SILVA, 2009, p. 9). Por isso, justamente neste divisor de águas que me lanço ao desafio de tentar, também, buscar identificar a percepção das crianças em relação ao ensino de ciências.

Para que a pesquisa fosse vivenciada em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, foi preciso ir em busca de parceiros, colaboradores que se dispusessem a caminhar juntamente com esta que vos tenta narrar, e se dispusera a galgar neste processo de aprendizagem

constante, pois assim que tenho entendido o percurso da pesquisa investigativa na área Educacional.

Essa busca por colaboradores para vivenciar este processo não foi tarefa simples, pois não sabíamos se, ao lançar o convite, alguém iria aceitar. *E se não aceitasse? Como lidar com a sensação de não ter conseguido?* Penso que cabe a cada um de nós buscar, não diria responder, mas perceber esses momentos como mais aprendizagem para a vida de um pesquisador constante. Aprendizagem esta que, muitas vezes, nos é difícil.

Assim, a fim de iniciar propriamente a pesquisa mesmo diante de desafios a enfrentar, meu orientador e eu chegamos à escola selecionada para o estudo, no dia 30 de março de 2015, para conversarmos com a direção a respeito da pesquisa a ser realizada na referida escola, e solicitar-lhe a permissão para isso. Após a conversa com a direção, fomos informados que na escola havia cinco turmas do 1º ano do Ensino Fundamental.

Buscamos, então, conhecer as cinco professoras das turmas dos primeiros anos. Por meio de uma conversa, orientador e orientanda se apresentaram a elas os percursos e objetivos da pesquisa que se almejava desenvolver na escola.

Ao lançarmos o convite, a professora Rachel espontaneamente dispôs-se a colaborar com a pesquisa, tornando-se, juntamente com as crianças de sua turma, participantes deste percurso investigativo.

Mulher de 37 anos de idade, a professora Rachel é casada e mãe de duas meninas. Concluiu curso Técnico de magistério em 1995 e formou-se, em 2003, em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Castanhal; também possui especialização em Educação Inclusiva.

Rachel é professora há 15 anos e concursada pela rede municipal de Castanhal. Já trabalha na escola Sonho Possível há oito anos e atualmente está com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A professora participa da formação continuada TRILHAS, Projeto Natura Construindo Materiais Pedagógicos, e do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

A turma em que a professora Rachel ensina é composta por 25 crianças, sendo 11 meninos e 14 meninas, devidamente matriculadas. As aulas ocorrem no período da tarde, iniciando-se às 13h30min. até às 17h30min., com duração total de 4 horas.

Do total de 25 crianças da turma, seis participaram desta pesquisa concedendo entrevistas. Isto ocorreu porque me propus a sistematizar a fala das crianças, além da fala da professora, com intuito de analisar a percepção delas em relação ao ensino de ciências, vigorando, desse modo, ainda mais o direito da criança como cidadão, isto é, como sujeito

digno de também ser ouvido, como nos enfatiza Almeida (2009, p. 32) ao dizer que “considerar que as crianças têm uma visão consistente, e própria do mundo que as rodeia, alerta-nos para a prioridade metodológica de lhes dar a voz (na investigação) [...]”.

A partir das observações das aulas que foram videogravadas na turma do 1º ano na sala A, o orientador desta pesquisa e eu percebemos que na turma havia três categorias que representavam a média das características das crianças, a saber: crianças extrovertidas, introvertidas e as medianas. Enfatizamos que não há apenas tais tipologias. As crianças são diferentes e se identificam umas com as outras, constituindo similaridades e afinidade de atitudes.

Assim, a escolha das seis crianças se deu por meio dos critérios das categorias encontradas, para termos uma média aproximada da percepção da turma sobre o ensino de ciências.

2.3 – A história de uma capitã que se fez professora

Rememorar é dar-se a conhecer ao mundo, e nesse mostrar-se habita uma espécie de encontrar-se frente à própria face. Na penumbra da face professora existe um significado singular.

(RAQUEL ROCHA)

O que é ser uma escritora? Não seria ter a autoria de seu pensar? Deixar-se se revelar na autoria não implica ter coragem de assumir sua voz? E contar a história de alguém consistiria em quê? Penso que em assumir uma responsabilidade.

Nesta subseção, assumo-me como narradora para dar-lhes a conhecer um pouco sobre o porquê e/ou os porquês que levaram a colaboradora desta pesquisa a se encontrar hoje na posição de professora. Para não silenciar a voz da professora no percurso da escrita de seus relatos, sua fala aparecerá acompanhada de travessões e em itálico, dando destaque a sua voz.

Penso que narrar a história de outra pessoa consiste, além da digitação de suas palavras, em uma tentativa de expressar para os leitores os sentidos e os significados dos momentos que foram vividos por ela. Para isso, acredito que se deve tentar relatar de maneira fidedigna, para quem ler estas palavras que dão vida ao percurso vivenciado, a expressão dos significados das escolhas que levaram a experiências que foram construídas ao longo de um caminhar.

No começo de junho do vigente mês, na sala de leitura da escola onde me encontrava construindo esta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre a história de vida

da professora Rachel. Por meio de uma conversa, ela me permitiu conhecer alguns rascunhos que compõem o desenho que a levou escolher a arte de ensinar.

Rachel nasceu em 1978, no município de Igarapé-açu, localizado no Estado do Pará. Segundo a professora, foi nessa cidade, cujo nome vincula-se ao significado de “grande caminho de canoas”, que começou a dar seus primeiros passos e anunciar suas primeiras palavras.

Rachel é a primogênita de uma família humilde, de princípios honrosos e mãos marcadas pelo florescer da terra. Sua mãe é uma mulher trabalhadora que viveu para o lar, cuidando de seus quatro filhos e zelando pela educação deles. Seu pai, homem de rosto sério e poucas palavras, retratava a imagem de um viajante que vivia a batalhar pela busca do sustento para o lar. As palavras de Rachel dão luz à imagem de seus genitores:

– Como papai trabalhava em Rondon do Pará, ele ficava de três meses fora de casa, quando vinha passava quinze dias e retornava, então praticamente a gente recebeu a educação da mãe. O pai era muito ausente por causa do seu trabalho.

A respeito de sua infância, relatou, com brilho nos olhos, pausas na voz, silêncio e nas expressões, que possui tristes recordações, revelando algumas de suas angústias, medos e desilusões que ainda tão pequena teve de passar e enfrentar. Mencionou, pois, fatos e acontecimentos que emundaram de tristeza essa fase que muitos consideram como um desenho de cores vivas, mas que, infelizmente, no seu caso, houve episódios que a marcaram tão profundamente que, em certos momentos, mesmo sendo tão pequena, teve de silenciar gritos dentro de si. Os seus desenhos de criança passaram a ter tons mais cinzas. Ela deixou evidenciar essa triste fase de sua vida, ao dizer:

– Quando eu era criança até por volta dos meus nove anos de idade, me lembro que morávamos em casa de familiares, nós não tínhamos nossa casa. Tínhamos um terreno e papai estava construindo nossa casa. Como morávamos na casa de familiares, nós passávamos muitas humilhações, momentos que foram tão difíceis que marcaram profundamente de tristeza a minha infância. Fatos acorreram que acabaram me marcando negativamente.

Entretanto, dias mais claros pairaram em sua vida quando Rachel e sua família conquistaram um espaço onde puderam aninhar-se. Passaram a morar no convívio um do outro, sem interferências de olhares repressivos.

Rachel e seus irmãos passaram a ter mais liberdade, apesar das dificuldades para o custo de vida, para brincar, estudar e se imaginar professora; apesar de ter revelado que uma de suas tias havia lhe dito que a menina que brincava de dar aula também falava em ser juíza. Essa interessante história foi revelada quando Rachel, entre risos e suspiros, disse:

– Ainda esses dias, eu lá no interior na casa da minha mãe uma tia minha me disse assim ‘não sei por que tu és professora, porque quando tu eras criança tu dizias que ia ser juíza’. Eu peguei e disse assim, “tia eu acho que eu era influenciada por vocês em falar que ia ser juíza. Porque todo mundo só falava em juíza, advogada; e eu acabava falando”. Porque eu lembro que nas minhas brincadeiras, tudo era brincadeira de escola e eu era a professora. Todo mundo dizia tua letra é linda parece letra de professora. Juíza! Que nada, eu queria mesmo era ser professora. Então assim nasceu desde criancinha...

O desejo pelo ofício de professora já despontava na infância, a beleza pela arte de ensinar começou a desabrochar no faz de conta infantil. Mergulhada na fase do imaginário, Rachel exalava sua aspiração pela docência, passando de professora-criança para professora de crianças.

Ainda em plena fase das fantasias, ela foi chamada para ter de assumir responsabilidades; sim, teve de crescer, tomar decisões. Ser um porto seguro para seus irmãos, estando com eles, transmitir-lhes segurança e proteção.

Tem-se, assim, a imagem de uma criança maior transmitindo aconchego a outras crianças menores. Crianças compartilhando um espaço de ensinar e aprender lições da vida, mesmo em tempos difíceis. Com olhar baixo e mãos sobre mãos, Rachel compartilhou uma parte daqueles momentos, expondo:

– Então minha mãe chegou certa vez junto a mim e disse: Rachel você é a filha mais velha, fica com menores que a gente vai para colônia fazer farinha. Eles passavam a semana todo fazendo farinha, vinham para a feira para vender toda a produção de farinha, vendia e voltava. Durante o dia ficávamos na escola. Eu estudava de manhã e minhas irmãs estudavam à tarde, quando eu chegava 11h30min. eu dava o almoço delas para elas irem à escola, e eu ficava a tarde limpando a casa. Como meus pais viram que nós estávamos ficando muito sozinhos, eles resolveram que só meu pai ficaria fazendo farinha, mesmo caindo a produção, e minha mãe passou a ficar em casa conosco.

No espaço escolar, ela sempre procurou ser uma aluna aplicada e assídua às aulas. Gostava de estar na escola, de brincar com os colegas e ensinar, quando alguma outra criança tinha dificuldade em algum assunto que ela sabia. Em casa também ajudava a seus irmãos com as lições. Esses traços que iniciaram na infância de Rachel são relatados por ela nas linhas que seguem:

– Enquanto aluna eu era muito dedicada mesmo. Eu não era inteligente, eu era dedicada, eu me esforçava para não tirar nota vermelha. E o fato de hoje eu ser professora é meu mesmo, é de mim de gostar de ensinar, de ajudar... Meus irmãos, minha mãe conta que eu ajudava a alfabetizar.

Os anos foram se passando, ela foi crescendo e enfrentando muitas outras dificuldades que cruzaram em seu caminho, mas que não conseguiram fazê-la desistir de sonhar por dias melhores. Concluiu o Ensino Fundamental e, ao ingressar no Médio, fez magistério, pois em

seus sentidos ainda repousavam as cores pela arte de ser professora. Suas primeiras experiências com os pinceis e crianças iniciaram em sua casa, ainda no percurso do magistério. Por entre risos, esclareceu a tela ao falar:

*– Eu fui fazer magistério. E no primeiro ano do curso, eu já comecei a dar aula em casa, coloquei uma placa na frente de casa “Aula Particular de Alfa à 4º série”. Eu tinha muito aluno pela manhã e à tarde. E assim continuei dando aula em casa até concluir o 3º ano, eu levava tanto calote! Risos!
– Ao terminar o magistério, surgiu a proposta pra eu dar aula em uma escola particular. Minha primeira turma foi o Jardim II.*

Os anos haviam passado, mas, nos sentidos de Rachel, permaneciam vivas as cores da arte em ser professora. Arte que começara nas brincadeiras no interior dos quintais, que aos poucos foram dando forma aos contornos das linhas tracejadas no faz de conta, que agora começavam a ser vividos em um caminho ainda desconhecido para ela, mas que deu início a seus primeiros passos rumo a muitas experiências.

Embora muito jovem, prosseguiu trilhando pelas linhas que havia lhe definido por dentro. Continuou trabalhando como professora e dando continuidade a seus estudos, agora, com objetivo de entrar em uma Universidade, mas, para isso, teve de enfrentar os impasses que muitas vezes a fizeram querer parar e desistir da caminhada. Com gestos de admiração por si mesma, a professora nos inspira ao expor:

– Em 1996 saímos de Igarapé-açu eu e mais três amigos, rumo à UFPA Campus Castanhal, para tentarmos a isenção para prestarmos vestibular. Neste dia andamos bastante, pois não sabíamos onde ficava. Ao chegarmos, fomos informados que a inscrição havia encerrado no dia anterior, mas uma secretária nos disse para esperarmos que, ao meio dia, iriam realizar outra etapa de inscrição. Então, nos resolvemos esperar, assim fizemos nossa inscrição. Então fiz a prova, passei na primeira etapa, as de conhecimentos gerais, mas não consegui passar nas específicas. Do meu grupo de amigos, só um conseguiu passar. Como eu não havia passado no vestibular, fui trabalhar no Armazém Paraíba no mesmo ano, trabalhei um ano nessa loja. Em 1998, comecei estudar em casa, tendo ajuda de um amigo que me fornecia apostilas com assuntos que caía na prova do vestibular. Então, eu ia estudando, mas eu não tive muito apoio da minha família, eles não acreditavam que eu ia passar, pois diziam que muitos estudavam em cursinho e não passavam; como eu iria passar, estudando em casa? Eu nem ligava. Quando passei na primeira fase, comecei a sentir o apoio da minha mãe, ela ficava falando para eu ir estudar. Assim, passei no vestibular e fizeram uma festa para mim.

Rachel enfrentou ondas que arrastavam seu barco contra o cais, que tentavam lhe impedir de chegar ao outro lado da margem. Contudo, mesmo diante de barreiras e condicionantes a enfrentar, não desistiu de conduzir seu barco até a costa e conquistar seus sonhos. Sonhos que a moviam, nutriam-na de esperança os momentos de desesperança em que se encontrou por tantas vezes.

Ao ingressar na Universidade, começou a caminhar por uma estrada que lhe possibilitou ver novas paisagens, conhecer outras fontes de conhecimentos, ampliando ainda mais os seus, além de e fortalecer suas aspirações pela arte de ensinar. Contudo, ela, por muitas vezes, encontrou obstáculos nesse caminho, troncos de espinhos tiveram que ser transpassados.

No momento que narrava essa parte de sua vida, a professora repousou seus braços sobre a mesa, com uma expressão de ter feito uma viagem fatigante, mas que lhe abriram muitas portas e proporcionaram-lhe muitas experiências. Em sua fala a seguir, notam-se os passos que teve de dar durante sua formação:

– Em 1999 entrei na UFPA/Campus Castanhal no curso de Pedagogia. Neste mesmo ano comecei a trabalhar em uma escola que se localizava em uma comunidade chamada Santa Maria. Eu ia de bicicleta, pedalava 8 km, saía de casa bem cedo, quando eu chegava meio dia, comia bem rápido e já pegava a Kombi para vim a Castanhal para a UFPA. Em 2000 eu saí da escola. Como não estava mais trabalhando, tive que passar a morar com uma amiga aqui em Castanhal, pois como eu iria pagar as passagens de ida e de volta, se estava desempregada? Passei por muitos momentos difíceis para continuar cursando Pedagogia.

Depois desse período, um amigo que trabalhava em uma escola preparatória para concursos e vestibulares me chamou para trabalhar lá. Trabalhava toda sexta-feira à noite como professora de Língua portuguesa no cursinho, foi um grande desafio.

Certo dia uma colega da minha turma me perguntou se eu gostaria de trabalhar em uma escola particular, pois nesta escola tinha uma vaga. Então fui até a escola, conversei com a diretora e logo comecei a trabalhar. Nesta escola tive de enfrentar um grande desafio, comecei a dar aula em uma turma de 2º ano em que havia uma aluna com deficiência auditiva, e eu não sabia nada sobre libras, mas a mãe da criança fazia o curso de Libras e começou a me ajudar. Então, comecei a estudar Libras por meio dos materiais que a mãe da criança me fornecia. Mesmo estudando, sentia muita dificuldade e, quando eu estava ensinando e não sabia ou não me lembrava do sinal, na língua de sinais, que correspondia ao que eu estava falando, eu mostrava a imagem para a criança, e ela me ensinava, aprendia também com aquela criança.

Rachel trilhou por entre a graduação e a sala de aula. Ela foi se formando na companhia da prática, estudando e fazendo. Passou por muitas situações desafiadoras que lhe exigiram força, determinação e constantes tomadas de decisão. Por vezes, sentiu-se como quem caminhava sozinha por uma estrada deserta. Não foram poucas as vezes em que a professora que nasceu de uma brincadeira de menina pensou em desistir, mas, para a alegria dos olhos radiantes de muitas crianças, ela não o fez. Seu perfil de valente mulher também fez toda diferença em sua vida profissional.

A mulher ainda em processo de formação, que um dia fora menina professora, passou muito cedo a vivenciar a realidade da sala de aula, permitindo-se experimentar-se. Mesmo mergulhada em constantes dificuldades e desafios, buscava viver em movimento, enxergando

as possibilidades em suas práticas pedagógicas, construindo-se por meio de experiências sentidas e vividas por ela.

Os impasses? Sim existiram. Mas eles não chegaram a ser sentidos por Rachel como determinantes, e sim como uma nova maneira de aprender e ensinar, germinando aprendizagens, pois, lançando seu olhar rumo aos possíveis, a professora Rachel conseguiu transpor muitas barreiras.

Os desenhos gráficos que delinearão um pouco da trajetória de vida da professora Rachel ganharam ainda mais vida, significado e sentido quando sua voz pôde ser “ouvida” por meio de suas palavras que foram registradas através da digitação deste texto. Isso significa dizer que essa história só foi possível de ser contada, porque houve uma razão, uma instigante pergunta que possibilitou o rememorar de uma lembrança imbuída de muitas experiências: *“Como assim? Por que se tornou professora?”* Essa indagação foi a chave que abriu um baú, e nele continha um espelho que permitiu à professora Rachel mostrar ao mundo um pouco de sua face. A professora não é apenas a professora, isto é, a profissional, mas uma pessoa, gente que pensa, possui sentidos e atribui significado ao mundo que a rodeia, às particularidades de sua vida pessoal e de suas práticas pedagógicas.

A mulher, esposa e mãe que também é professora, e que aqui desejou ser chamada de Rachel, ao finalizar um pouco de sua história de vida, ainda se faz ser sentida quando enuncia:

– É muito gratificante participar do desenvolvimento das crianças, e quando os pais chegam a reconhecer. Acho que não existe nada melhor que receber o reconhecimento por ter feito algo que não é obrigação, mas dever. Eu penso que ensinar precisa ser feito com gosto, com vontade. Eu amo dar aula, apesar das dificuldades.

2.4 – Turbulências à vista... E agora, pequenos marinheiros?

– Crianças, de onde será que os escritores tiram histórias tão incríveis?
Perguntou a pesquisadora.

– Ora... Da cabeça dele. Ele pensa, imagina e depois coloca tudo no livro, disse uma criança levando seu dedo indicador até a cabeça.

O que seria uma experiência na vida de uma pesquisadora? Seriam momentos que foram vividos e sentidos e que realmente tocaram-na? Penso que os momentos que foram significativos se tornam experiência quando realmente passamos por eles, permitindo-nos ler o contexto do texto que está diante de nossos sentidos.

Nesta subseção, buscarei não apenas delinear, mas também tentar compartilhar com os leitores um pouco do percurso que foi vivido e sentido ao entrevistar as crianças que participaram de maneira colaborativa nesta pesquisa expressando seus pensamentos em relação ao ensino de ciências, assim como algumas de suas relações norteadoras.

Ter tido a oportunidade de ouvir as crianças no percurso desta pesquisa me proporcionou vivenciar uma experiência ímpar neste processo de aprendizagem da construção do olhar de pesquisadora, que tem permitido se fazer na longa trajetória deste trabalho, mesmo imersa a constantes desafios.

Ao longo do desenhar desta trajetória, ansiava ouvir as crianças e perceber suas percepções em relação ao ensino de ciências, mas, ao me deparar com elas, ou seja, imersa na realidade, muitas incertezas pairaram sobre mim. Tive a sensação de estar dentro de um labirinto tentando encontrar o fio condutor que pudesse me guiar.

Confesso que, em meio ao processo inicial desta pesquisa, cheguei a pensar que seria fácil fazer perguntas para as crianças. Imaginei que apenas dando espaço para que suas vozes fossem ouvidas já seria o bastante, mas esqueci de perguntar-me como criar a atmosfera propícia para a liberdade do pensar das crianças. E, ao criar, como fazer as perguntas, que foram planejadas em um roteiro sem a pretensão de induzi-las a dizerem o que a pesquisadora gostaria de ouvir? Essas e tantas outras indagações rondaram meu pensar alguns dias antes do momento em que eu teria de estar de “frente com as crianças”.

Para que o desenhar do momento de ouvir as crianças possa ser apreciado por você, caro leitor, que se dispôs a “ouvir” essas palavras digitadas, lanço-me em mais uma investida de relatar uma experiência que não foi apenas vivida, mas também sentida por esta pesquisadora que vos narra.

Então, embarquemos nesta viagem!

No dia 17 de junho, cheguei à escola, *locus* desta pesquisa, para organizar o espaço da sala de leitura. Este espaço havia sido cedido pela direção da escola para a realização da entrevista com as crianças selecionadas a partir dos critérios já explicitados. Embora eu já houvesse desenhado um percurso metodológico para a entrevista com as crianças, era perceptível, em meu semblante, a sombra das inseguranças, que até chegaram a angustiar-me.

Nesse momento, procurei repousar-me na essência do meu silêncio, já que “é neste lugar silencioso que reside o diferente, que espera aquilo que não se repete, que mora o que não é costumeiro, que responde o que se recusa a ser escutado ecolalicamente” (CORAZZA, 2002, p. 125). Movida por essa perspectiva, busquei tentar escutar no íntimo de meu ser todas as vozes que um dia passaram a ser ecoadas em meus sentidos.

Assim, por entre o silêncio e os ruídos dos passos das crianças correndo pelo corredor da escola na hora da entrada, de repente, um adolescente, que também é estudante da escola, chegou próximo de mim e começou a indagar-me:

- *Professora, por que a senhora está tão séria hoje?* Perguntou o adolescente
- *Sabe, estou sofrendo com umas ideias que estão pipocando em minha cabeça* – Respondeu a pesquisadora.
- *Por quê? Eu posso saber?* Indagou o adolescente.
- *É por causa de uma entrevista que irei realizar em alguns instantes, mas é uma entrevista diferente. É com crianças.* Respondeu a pesquisadora.
- *Ah! É com crianças, elas são mais delicadas.* Exclamou o adolescente.
- *Professora, a senhora saiu de casa pensa em quê? Fazer como essa entrevista?* Eu posso saber? Insistiu o adolescente.
- *Pode.* Afirmou a pesquisadora.

Esse diálogo com Lucas me fez começar a repensar sobre o percurso metodológico que eu havia planejado para aquele momento com as crianças. Então, passei a rever o esboço do desenho que eu tinha imaginado e materializado em algumas folhas de papel, haja vista que, em meio a esse processo, às vezes, se torna necessário “voltar sobre os próprios passos, para encontrar outras possibilidades de continuar em movimento [...]” (CORAZZA, 2002, p. 108).

Justamente nesse ato de rever os contornos do desenho, as ideias de Lucas foram-me convidativas, pois retornar ao caminho metodológico sobre meus próprios passos me possibilitou ter uma visão mais ampla de cada linha que eu havia desenhado para aquele momento. E, para que os traçados dessas linhas também se tornem claros aos leitores, colocarei o desenho na moldura. Então, vejamos.

Ao entrar na sala da turma da professora participante desta pesquisa, a aula ainda não havia iniciado. Então, reforcei para ela os passos da metodologia que eu havia planejado, a fim de criar as possibilidades éticas e estéticas na pesquisa com as crianças.

Após expor os passos da pesquisa, a professora deu-me a confirmação de seu consentimento, para que eu pudesse convidar as crianças que haviam sido escolhidas para participar do trabalho.

Assim, as crianças e eu caminhamos para a sala de leitura da escola. Ao chegarmos à sala, convidei-as a fazermos um círculo e sentarmos no chão. Elas demonstraram ter gostado da ideia.

Quando estávamos sentados, perguntei quem entre elas gostava de ouvir histórias, todas levantaram as mãos. Dessa feita, apresentei para as crianças o livro intitulado “A viagem da sementinha”, escrita por Figuenoto (2007), e perguntei quem entre elas gostava de

ouvir histórias, todos disseram que gostavam. Antes de ler a história, falei um pouco sobre ela, mostrei o livro e as ilustrações da capa para as crianças.

Nesse momento, percebi nos olhos das crianças a curiosidade pela história. E, para que elas ficassem ainda mais curiosas, perguntei se elas saberiam dizer-me do que se tratava aquela história, somente olhando a imagem da capa do livro.

Logo as crianças começaram a lançar suas hipóteses sobre a ilustração que antecedia a história, dizendo:

- *É um feijão... Uma batata... Um arroz.* Disseram algumas crianças.
- *Mas o arroz é branco.* Alertou Pedro.
- *Hum... Parece uma semente.* Enfatizou Carlos.
- *Opa! É uma semente mesmo!* Congratulou a pesquisadora.

Como a conversa com as crianças foi se direcionando pelo caminho da curiosidade e imaginação, comecei a instigá-las ainda mais, perguntando para elas o que seria uma semente. Ao fazer a pergunta, sem muita demora, Pedro respondeu:

- *É uma coisinha bem pequenininha... Aí quando a gente faz um burquinho e joga lá... Aí a gente enterra, joga um pouquinho de água, bota terra de novo e vai crescendo.* Explicou.

Após essa entrada, notei que as crianças saltavam curiosidade recheada de ansiedade por entre suas expressões corporais. Então, ainda com o livro em mãos, fiz um gesto que iria abrir o livro, e as crianças inclinaram a cabeça, como se aquele livro fosse uma caixa cujo interior guardasse relíquias secretas. Mas, antes de revelar essas preciosidades, fiz mais uma pergunta, iniciando mais um diálogo.

- *Crianças, essa sementinha fez uma viagem... Vou contar a vocês agora!* Exclamou a pesquisadora.
- *Crianças, o que vocês acham que eu vou falar quando abrir o livro?* Indagou a pesquisadora.
- *Eu sei... É, era uma vez...* Respondeu Rita, expressando ansiedade.
- *Opa! É isso mesmo!* Festejou a pesquisadora.

Assim, iniciei a história dizendo “Era uma vez”, com a entonação de voz arrastada, e os olhos das crianças brilharam, o silêncio pairou na sala de leitura, senti que os ouvidos dos “pequenos” cresceram. Pude perceber que as crianças se permitiram mergulhar, ou melhor dizendo, viajar na história.

Ao digitar essas palavras para dar a conhecer aos leitores um pouco dessa “experiência vivida e sentida”, um silêncio repousou sobre meus pensamentos. Percebi que a arte da criação para entrevistar as crianças contou com os adereços das “desorientações” do orientador desta pesquisa, das práticas artesanais pedagógicas da professora Rachel e das enaltecidas “vozes” das crianças. Meus ruídos interiores me sussurraram essas palavras.

Retornando à descrição da aula, no momento da leitura, as crianças e eu realizamos uma bela viagem pelas letras, e juntamente com a sementinha, fomos carregados pelo vento que a levou a conhecer tantas paisagens. Junto àquela sementinha e acompanhada pelas crianças, busquei “acordar” os olhos da minha imaginação. Nesse instante, percebi que as crianças refrigeravam meus pensamentos.

Ao chegarmos próximo da parada de nosso destino, isto é, ao final da narrativa, lancei um convite a todas as crianças, dizendo que já havíamos contado e ouvido a história e, naquele momento, tínhamos um espaço para criatividade. E, sem demora, uma voz se fez ouvir:

– *A gente vai desenhar!* Exclamou Rita.

O momento da criação artística iniciou, as ferramentas foram distribuídas entre os artistas. Cada criança pegou folhas de papel, lápis, giz de cera e lápis de cor.

De posse das ferramentas, meninos e meninas passaram a traçar suas linhas, contornar as curvas e colorir as formas que passavam a ganhar vida com o olhar sensível, o ouvido atento. Enquanto isso, o tato firme das mãos das crianças dava sentido aos desenhos que, aos poucos, iam deixando-se mostrar e ser sentidos.

Durante o momento estético do diálogo das crianças com suas pequenas folhas de papel, elas estavam reunidas em uma mesa compartilhando suas ferramentas de prazer. Então, no entremear deste percurso, comecei a convidar as crianças, uma a uma, para conversamos, do modo como havia sido acordado com o orientador. Em comum acordo, ele e eu compreendemos que cada criança teria que ser ouvida individualmente para que cada uma delas expusesse suas concepções referentes ao ensino de ciências e suas questões norteadoras.

Ter ficado “de frente com as crianças” foi mais que uma entrevista. Para tanto, tive de enfrentar muitas dificuldades, mas a maior delas repousava em mim mesma, em minhas sensações de inseguranças e, até mesmo, de pensar não ser capaz de criar um ambiente apropriado em que as crianças pudessem ter liberdade para que suas ideais florescessem e a “asa de pensamentos voasse”.

Ressalto que, diante da face daquelas crianças de seis anos, pude perceber a importância de um adulto, que também se encontrava naquele momento na condição de pesquisadora. Compreendi a importância de sua atuação no processo investigativo, já que cabe ao sujeito pesquisador debruçar seus sentidos para ouvir o que as crianças pensam e têm a dizer a respeito do mundo que as cerca, como nos anuncia Carvalho e Muller (2010, p. 71)

ao afirmarem que “o pesquisador deve assumir que as crianças podem expressar suas diferenças implicadas em tudo que são e em tudo que se relacionam [...]”

Ousadamente, afirmo que “de frente com as crianças” foi uma experiência. Cada olhar, expressão corporal e “vozes” que se fizeram ouvir tanto no falar quanto no silêncio, para mim, foram únicos. Compreendi que a voz da criança precisa ser respeitada, mas seu silêncio também.

Assim, chegamos da viagem percorrida por entre estas poucas linhas. Para que possamos embarcar em outros mares ou estradas, registro ainda que, para mim, esta pequena jornada tornou-se uma experiência vivida e sentida.

2.5 – Registro no diário de bordo: olhares e fascínios

“a alma humana não pode ser conhecida em “geral”, “cientificamente”. Cada pessoa é única”.

(ALVES, 2012, p. 119)

“Cada sala de aula é um universo singular, imbuída de diversos sentidos e significados... Não há fita métrica que consiga precisar suas medidas”

(RAQUEL ROCHA)

Sala de aula é um espaço entre quatro paredes em uma forma geométrica contendo dentro dela várias carteiras enfileiradas? Essas características pontuais do espaço físico dariam conta de significá-la? E a professora? E, ainda, quem são as crianças?

Retomando o pensamento exposto na primeira seção destes escritos, enfatizo que a sala de aula na qual tive a oportunidade de vivenciar algumas cenas pedagógicas possui características que lhes são próprias. Registro, ainda, que a professora está tanto imersa neste universo quanto as crianças, constituindo cada um sujeito singular; por entre essas peculiaridades, habita sentidos amplos e complexos.

Nesta subseção, especificamente, tentarei focalizar aos leitores os pequenos “flechas de luz” que uma parte da realidade do universo da sala de aula permitiu-se revelar diante do olhar desta pesquisadora, que buscou aventurar-se nas complexas águas que compunham a sala de aula.

Na busca pelo navegar por entre as cenas pedagógicas a partir das impressões que foram perceptíveis no movimento do universo da sala de aula, buscarei entrelaçar algumas falas da professora e das crianças junto às observações que foram registradas em meu diário

de campo. Em diálogo com este entrecruzamento, pretendo ter condições de realizar algumas análises.

Assim sendo, convido a você, caro leitor, nesta investida, a submergir-se juntamente comigo no universo da sala de aula da professora Rachel, na qual estive na condição de pesquisadora em fase de conclusão de um curso e iniciando seus primeiros passos no percurso investigativo.

Embarquemos no veleiro, todos a bordo!

De início, apresento-lhes este cenário: primeiro ano do Ensino Fundamental, precisamente na sala “A”, localizada em um corredor que divide o espaço da escola com outros quatro primeiros anos, e tantas outras salas nas quais a professora Rachel se encontra ensinando crianças de seis anos de idade em tardes chuvosas ou ensolaradas.

Trata-se de uma sala de ambiente com baixa luminosidade e, às vezes, um tanto quente. Nela estive, juntamente com a professora e as crianças, no período de 07 de abril a 20 de maio, cinco vezes por semana, quatro horas por dia, no turno da tarde, totalizando 15 encontros na sala de aula, além das observações que também realizei das aulas, por meio de videograções e diário de campo. Neste, como já expliquei anteriormente, fiz as anotações das cenas pedagógicas que não haviam sido possíveis de descrever apenas com o auxílio da lente de uma câmera. Nas anotações pude desenhar minhas inquietudes e provocações que se manifestavam em mim a cada participação investigativa na sala de aula.

As aulas da professora Rachel geralmente iniciam com uma conversa sobre como havia sido o dia das crianças, precedida de uma oração, mas não a oração universal, e sim petições espontâneas, pedidos de proteção e bênção divinas, por meio de conversas.

No percurso da pesquisa na escola “Sonho possível”, foi-me oportunizado participar de alguns momentos das horas-atividades das professoras dos 1º anos do Ensino Fundamental, que são organizadas às terças-feiras. Nessa escola, as professoras dos cinco primeiros anos planejam as aulas em conjunto, aproveitando que, neste dia da semana, os professores horistas estão em sala, durante quatro horas de aula.

Mas, quando algum dos professores já mencionados falta, a professora retorna para sala de aula, pois, conforme a organização da coordenação da escola, na ausência desses professores e havendo a presença da professora da turma, ela precisa retornar à sala de aula. Justifica-se tal dinâmica pelo fato de as crianças não poderem voltar para casa devido a esse motivo.

Embora possa até ser justificável a organização da coordenação da escola, no que tange ao regresso da professora em pleno momento da hora-atividade, isso acaba causando

uma quebra no planejamento da professora. E, aqui, também, reside uma das dificuldades enfrentadas pela professora em relação a suas práticas pedagógicas. Em uma de suas falas, tal questão fica latente:

Quando falta professor no dia da hora atividade, o que é que eu vou fazer lá na sala? Porque não dar pra você ir assim, improvisar, e é uma dificuldade pedagógica. Nós já estamos organizados a preparar a aula de quarta a segunda-feira, porque na terça sentamos pra fazer isso, mas se faltar um professor da terça? Então a gente fica naquela agonia de querer improvisar, de atualizar o livro que chegou tarde, mas não é legal, não fica uma aula legal, os alunos não se concentram, enfim.

(RACHEL, junho de 2015)

Planejar as aulas em conjunto é uma característica particular das cinco professoras. Em sintonia umas com as outras, elas discutem sobre as suas dificuldades, os limites, os desafios e as possibilidades do processo de ensino e aprendizagem, além de confeccionarem materiais didáticos para serem usados em sala de aula com as crianças.

As atividades geralmente são construídas para serem desenvolvidas de maneira semelhante para todas as turmas, porém foi possível observar em sala de aula que a professora Rachel acabava dando uma nova roupagem para a atividade que havia sido planejada. Esta peculiaridade da professora é feita de maneira criativa, já que “o planejamento não é um ditador, mas é algo altamente democrático e desencadeador de invocações” (MENEGOLLA e SANT’ ANNA, 2001, p. 29).

Nos momentos destinados para planejar as aulas, foi notório que as professoras acabavam priorizando o ensino voltado para construção da leitura, escrita e numeração. Desse modo, as disciplinas “eleitas” ficam sendo as de português e matemática; as demais disciplinas e, inclusive, o ensino de ciências acabam por ficar em segundo plano (DIÁRIO DE CAMPO, 07/04/2015).

Em relação a essas questões, a professora revelou que o processo de ensino em sala de aula focaliza a aquisição da leitura, escrita e numerais. Essas pontualidades nas práticas pedagógicas resultam, muitas vezes, de algumas pressões e exigências da coordenação da escola e até mesmo, por parte dos pais das crianças. Essas questões tornam-se ainda mais claras quando a professora diz:

– Aqui nós tivemos formação em letramento na área da leitura, formação em alfabetização matemática, mas quando a gente chega lá pra História, Geografia, nós acabamos não trabalhando essas disciplinas, talvez por outras cobranças, por nós sermos cobrados na leitura, acabamos esquecendo essas outras linguagens. Tem cobrança da coordenação que acompanha um planejamento que foi feito e pra ela está atrasado... Então a gente “pira” pra dar certo.

(RACHEL, abril de 2015)

Ao cruzar a fala da professora com as observações registradas no diário de campo, é possível observar que as cobranças em que a professora se encontra imersa acabam sendo uma das dificuldades que a leva a priorizar a construção da leitura e da escrita, em detrimento dos temas voltados ao processo do ensino de ciências. Este, pois, acaba ficando em segundo plano; não que o ensino de ciências também devesse ser priorizado, mas poderia aos menos ser igualado em relação ao planejamento das outras disciplinas.

Paralelamente ao trabalho com a leitura e a escrita, a professora Rachel busca desenvolver também os temas relacionados ao ensino de ciência. Isso se dá por meio de pequenos textos, cantigas, paródias e até no momento do ensino das codificações das letras e dos números.

Por exemplo, quando a letra que a professora está ensinando pode ser relacionada com algum nome de frutas, animais ou plantas, ela aproveita para instigar as crianças acerca dos assuntos norteadores referentes ao ensino de ciências. Ela, então, dá espaço para as indagações das crianças, respeitando o momento da fala de cada um.

Foram vários os momentos em sala em que pude observar que a professora busca instigar as crianças para tentar perceber o conhecimento prévio delas sobre o assunto que estava sendo exposto. No âmbito desse espaço de abertura, as crianças se permitiam envolver pelas perguntas da professora, dizendo o que pensam.

Com efeito, acredito que as práticas pedagógicas que valorizam o tempo do fecundar do pensamento das crianças e respeitam sua maneira de falar e a sua linguagem criam, realmente, as possibilidades para a construção e reconstrução de conhecimento (FREIRE, 1996). Essas características foram perceptíveis no fazer pedagógico da professora em sala de aula e também podem ser observadas no relato da própria professora, ao citar que:

Eu gosto de trabalhar não dando a resposta pra meus alunos, pra eles verem aquilo ali ficarem curiosos. Então, vamos construindo aquela resposta... E uma criança vai e responde é assim... E se eu juntar com isso daqui... Então eu penso que deixar que eles mesmos deem aula pra eles; se eu pergunto e eles respondem, eu acho que eles estão se ensinando. Não sou eu que estou ensinando, pelo contrario, estou é aprendendo com eles quando surgem questões na sala de aula. [grifo meu]

(RACHEL, junho de 2015)

É notório que a professora levanta problemáticas sobre os assuntos que ela está buscando ensinar. Penso que esses momentos poderiam ser considerados como a “aula da pergunta”, pois, a cada resposta das crianças, a professora lança uma nova pergunta. Assim,

juntos, professora e crianças vão aprendendo e ensinando a “perguntar”. *E qual seria a importância da pergunta? Será que apenas a obtenção da resposta?*

Freire (1985) convida nossos pensamentos reflexivos, mostrando que as perguntas despertam a curiosidade, criatividade e a motivação para a reinvenção. Por sua vez, Alves (2012, p. 78) ainda nos esclarece que “as respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem andar pelo mar desconhecido”.

Entre um “fleche” e outro que clareia as impressões que montam e remontam o mosaico da sala em que realizei esta pesquisa, a postura de companheirismo das crianças com seus pares nos momentos das atividades levou-me a refletir o quanto elas nos têm a ensinar e como elas conseguem nos surpreender com pequenos, mas enaltecidos gestos de beleza, com cobertura de alegria. Esse cenário, que penso ser artesanal, fica mais colorido quando Kramer (2003, p. 106) afirma que:

aprender com as crianças pode nos ajudar a compreender o valor da imaginação, da arte [...] de pensar adiante. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas [...] que muda a direção de certas situações, exige que possamos conhecer nossas crianças, o que fazem o que brincam, como invertam, de que falam.

Na intimidade do universo da sala de aula, a professora Rachel, mesmo que muitas vezes imersa em impasses que tentam dificultar o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, debruça seus sentidos na investida de deixar-se aprender com as crianças. Essa perspicácia da professora, por vezes, me fez “saltar” os olhos de admiração, porque entendo que essa é uma prática pedagógica que não se limita ao “verbo ensinar”, mas se comunga intrinsecamente ao ato de ensinar e aprender (FREIRE, 1996).

É válido destacar que, entre algumas linhas do contexto da sala de aula, os temas relacionados ao ensino de ciências foram abordados de maneira exploratória pela professora, apesar de haver pouco planejamento para isso, pois as instigações e os questionamentos, por vezes, levaram as crianças a soletrarem as sílabas que compõem as palavras da leitura do mundo que as cerca, uma vez que “promover a construção do conhecimento pela criança significa, principalmente, envolvê-la na observação e descrição daquilo que a cerca” (MORAES, 1992, p. 10).

Ao rever meu diário de bordo, localizei um diálogo entre a professora Rachel e as crianças. Tal diálogo nos leva, no movimento das ondas do pensar, a perceber que não se trata apenas de uma questão didático-pedagógica, mas sim da beleza artística do ensinar e aprender, e aprender e ensinar. Assim, vejamos.

Nesse episódio, a professora, a passos lentos, se aproxima do quadro, fita seu olhar na direção das crianças e lança a indagação desafiadora e provocativa ao pensamento delas.

– *Crianças, o que é conhecimento?* Perguntou a professora.

– *É árvore, pessoas, animais... É tudo.* Respondeu uma criança gesticulando com as mãos.

É perceptível que a professora busca valorizar as vozes das crianças, deixando-as à vontade para expressarem suas ideias, hipóteses, colocações e suas inquietudes. As crianças são levadas constantemente a exporem suas leituras, isto é, as leituras do mundo em que elas estão inseridas. Essas características particulares da turma possibilitam o florescer da autonomia das crianças. Tais relações são fundantes para o entendimento de que “a questão não é ensinar às crianças. A questão é aprender delas. Na vida de uma criança a gente vê o pensamento nascendo – antes que a gente faça qualquer coisa” (ALVES, 2002, p. 80).

A atitude da professora Rachel é notável, pois em sala de aula as crianças realmente precisam ser escutadas para que as trocas de saberes aconteçam e, desse modo, possam emergir ainda outros novos saberes. Essas nuances são latentes na turma do 1º ano do Ensino Fundamental da escola “Sonho Possível”, em que a professora Rachel encontra-se todas as tardes.

Essas posturas nos são evidenciadas quando Freire (1996, p. 35) sublinha que “não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

Vale reiterar que é imprescindível não deixar registrado no desenhar destas linhas que as cores que dão vida as suas práticas pedagógicas são pinceladas entre um olhar que expressa, em certos momentos cansaços e um sorriso de satisfação por está participando do processo de desenvolvimento cognitivo, social, motor e afetivo das crianças.

Essas, entre tantas outras impressões, tocaram-me, passaram pelos meus sentidos, levando-me, não apenas a perceber, mas também a compreender que sala de aula não é mais que uma onda no mar. Suas paredes, carteiras, quadro, professora e crianças possuem uma história que, por possuir tantos enredos, não cabem nesta pesquisa.

Nesta subseção, discuti algumas cenas pedagógicas e epistemológicas que me foram perceptíveis durante a pesquisa e que busquei compartilhar com vocês, leitores. Elas despertaram em mim sensações provocativas em querer abordar mais adiante dois eixos a serem analisados a partir do entrecruzamento das falas da professora, das crianças e dos registros no diário de campo. As categorias são: **A capitã e as descobertas no ato de cartografar e Tripulação em ação: ensinando e aprendendo a ler o mundo.**

3 – SEÇÃO III – A capitã e as descobertas no ato de cartografar

Porque nós só entendemos realmente quando o conhecimento é construído como ponte, passo a passo. Conhecer é construir pontes entre o sonho, estrelas distante, e o lugar onde me encontro.

(ALVES, 2010, p. 83)

Ao longo do velejar no percurso desta pesquisa, muitas paisagens puderam ser admiradas, muitas vozes indagadoras se fizeram ouvidas, e me permiti ouvi-las. Posturas e atitudes, dentro das possibilidades, passaram pelo sentido da reflexão desta pesquisadora que vos relata.

Ao investigar percursos epistemológicos e pedagógicos no processo de ensinar e aprender ciências em uma sala de 1º ano do Ensino Fundamental, os pontos sinuosos dos flechas de luz que foram perceptíveis durante esse processo levaram-me a ficar diante de indagações que possibilitaram o emergir, a partir de elementos que se entrecruzaram, de instigantes categorias: **A capitã e as descobertas no ato de cartografar e Tripulação em ação: ensinando e aprendendo a ler o mundo. Então, embarcaram neste veleiro, e como cuidar dessas “categorias visitantes”?**

Nesta investida, convidei alguns autores experientes no ato de velejar, para me ajudarem com as lupas, neste processo da construção de olhar de pesquisadora. Com as lupas em mãos, sigamos nesta investida!

O ensino de ciências?

Conforme Moraes (1992, p. 13), “o ensino de ciências não exige equipamentos sofisticados nem requer que o professor conheça as respostas de todas as questões que propõe aos alunos. Exige, entretanto, disposição para aprender com estes”.

Na sala de aula da professora Rachel, foi possível perceber que o ensino de ciências é trabalhado em alguns momentos interligado ao processo de aquisição da leitura e da escrita, tanto que, ao entrevistá-la para saber sua maneira de organizar o ensino em questão, a professora esclareceu:

Eu não ensino ciências. As situações que acontecem na sala de aula (...) mas dizer que eu sentei aqui pra planejar a aula de ciências, como eu planejo a aula de português e de matemática, não faço.

(RACHEL, junho, 2015)

Diante do posicionamento da professora, nota-se que o ensino de ciências vai sendo trabalhado de maneira ocasional conjuntamente ao processo da construção da leitura e da escrita. Todavia, “o ato de ler não se reduz ao processo de leitura da palavra. A leitura da

palavra é um momento fundamental desse processo. Mas a criança já faz várias leituras do mundo que a rodeia, antes do início da leitura da palavra” (FREIRE, 2007, p. 69).

Desse modo, destaco que a questão exposta pela professora torna-se preocupante, uma vez que o ensino de ciências também precisa de atenção durante o momento de planejar, assim como nos casos das outras disciplinas. Contudo, ao indagar à professora acerca do motivo que a leva a não realizar o planejamento das aulas de ciências, ela, com olhar apreensivo, respondeu:

Por a gente se sentir tão cobrado na leitura, a gente acaba esquecendo essas outras linguagens (...) olha hoje eu trabalhei a musiquinha do sapo pra falar de higiene, mas era pra falar só isso? Não, eu podia trabalhar a questão do que o sapo é, onde ele vive, do que ele se alimenta, mas teve outra cobrança... Assim “olha vocês estão atrasadas, vocês têm que correr nisso daqui”.

(RACHEL, abril, 2015)

O interessante nessa fala da professora é que ela reconhece a ausência do planejamento voltado para o ensino de ciências; e mais, demonstra cobrar-se em relação a suas práticas pedagógicas. Isso, evidentemente, significa que ela possui consciência da importância do ensino de ciências para a aprendizagem das crianças, no que se refere também à leitura do mundo que as cerca.

Saliento que a atitude da professora não deixa de ser um pensamento autorreflexivo, transformador e necessário ao processo de ensinar. Isto porque, de acordo com e isto fica claro quando Freire (1996, p. 43), destaca que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

A partir das questões já elencadas, torna-se perceptível torna-se, se não aceitável, pelo menos compreensível o estranhamento das crianças, no momento da entrevista, quando lhes indaguei sobre suas percepções acerca do ensino de ciências. Ao “tocar” no assunto “e o ensino de ciências?”, as crianças posicionaram-se do seguinte modo:

Ciência? Eu não sei o que é, nunca ouvi falar... (risos) (Ana, 7 anos)

O ensino de ciências? Não sei o que é... (Maria, 6 anos)

Não sei... (Carlos, 6 anos)

Não sei... (Vera, 6 anos)

Não sei o que é isso, não... (Pedro, 6 anos)

O que é isso? (risos)... Não sei... (Rita, 6 anos)

Apesar das falas das crianças evidenciarem o não reconhecimento do termo ensino de ciências, percebi a existência de certo desencontro, quando ainda indaguei-lhes sobre o que elas mais gostavam de estudar na sala em relação ao mundo da natureza. Com bastante naturalidade, elas logo responderam:

Gosto de desenhar animais, de fazer caracol, gosto do leão, da onça, gosto do livro, gosto de fazer uma casa, as árvores, um menino... É só. (Ana, 7 anos)
Gosto do coelho (Maria, 6 anos)
Flores, árvores... (Carlos, 6 anos)
Borboleta, planta e joaninha... Eu queria estudar a joaninha (Vera, 6 anos)
Gosto do planeta, da natureza, as cores... Tudo que tem no planeta (Pedro, 6 anos)
Do mar, das árvores que têm caule, das folhas e de baixo, que é a raiz... (Rita, 7 anos)

A meu ver, os desencontros que me causaram inquietações, talvez, tenham alguma relação com a nomenclatura “Ensino de Ciências”, e não propriamente com a essência deste ensino, pois em minhas observações, em sala de aula, percebi que a professora não categoriza este ensino pelo nome que lhe é atribuído, mas o explora por meio de seu significado.

Um dos sentidos do processo de ensinar e aprender ciências podem ser observado na fala de Bizzo (2009, p. 38), segundo o qual “é importante incentivar os alunos a pensarem sobre os temas tratados, reconhecer suas conquistas em seu processo de aprendizagem e no engajamento e determinação e determinação na consecução de seus propósitos”. Assim, mesmo que as crianças tenham substituído o termo ensino de ciências pelo Mundo da Natureza, isso não quer dizer que o processo de ensinar-aprender ciências não esteja presente em sala de aula.

Enfatizo ainda que, embora a professora Rachel, em um dado momento da entrevista, tenha afirmado que não ensina ciências, por questões já mencionadas, pude notar que, nas aulas em que ela busca entrelaçar os temas do ensino de ciências ao processo de aquisição da leitura e da escrita, ela o faz de maneira enriquecedora. Tal percepção ocorreu-me por intermédio de minha “lente”, durante uma das aulas, como segue:

Observei que a professora trabalhou um pequeno trecho de uma cantiga que falava sobre uma foca e uma sardinha. A finalidade da cantiga era para trabalhar a família silábica da letra “F”. Mas isso não impediu a professora de indagar as crianças sobre os animais mencionados. As perguntas eram provocativas, tais como: Quais são os animais? Onde vivem? Como nascem?

(VÍDEO GRAVAÇÃO, 20/04/2015)

É notável que a professora Rachel busca suscitar em sala de aula discussões que norteiam o ensino de ciências, de maneira exploratória, pois indaga as crianças e as fazem pensar sobre o assunto, sem conceber resposta pré-estabelecida. Essa postura pode ser atrelada a uma das definições acerca do ensino de ciências, sobre a qual Moraes (1992, p. 12) assim posiciona-se: “o ensino de ciências não deve limitar-se às atividades em si, mas deve

conseguir envolver a capacidade reflexiva dos alunos, promovendo diálogos e discussões [...]”.

Outra postura das práticas pedagógicas da professora Rachel que permite identificar concepções em relação ao ensino de ciências está nítida em momentos em que as crianças são provocadas a manifestarem suas hipóteses. Alguns desses momentos foram registrados em minhas anotações, como as seguintes:

A professora começou instigar as crianças sobre “o mundo dos vegetais”, falando sobre o cajueiro e perguntando o que essa árvore era, se era uma pessoa, um animal ou um objeto. As crianças disseram que era uma planta. Assim, a professora explicou para as crianças que todas as plantas são seres vivos, porque elas nascem, crescem, reproduzem e morrem. A professora explicou para as crianças que reproduzir significava que as plantas tinham mudas e essas mudas eram seus filhotes (DIÁRIO DE BORDO, 20/04/20015).

Minhas observações sugerem que as crianças se permitem envolver pelas perguntas da professora, dizendo o que pensam sobre as árvores. Por outro lado, a professora busca instigar as crianças para tentar perceber o conhecimento prévio delas sobre o assunto que está sendo desenvolvido em sala de aula.

Penso que seja relevante, em sala de aula, levar em consideração os conhecimentos prévios das crianças, uma vez que, a partir desses conhecimentos iniciais, surgem as indagações e, nelas, habitam os conhecimentos que ainda são desconhecidos. Neste conhecer o que se desconhece gemina um pensar, uma ideia (AUSUBEL 1976).

Mas o que seria necessário ainda ser feito para que as ideias das crianças fossem cutucadas, e se deixarem revelar? Em relação ao emergir do questionamento, Alves (2002, p. 89) nos convida a refletir a respeito, enfatizando que “a inteligência é a ferramenta do corpo [...] A inteligência se alimenta de desafios. Diante de desafios ela cresce e floresce”.

Em consonância às palavras de Alves, indago, ainda: as perguntas instigantes não seriam aquelas “cutucadas” para provocar a coceirinha que faz a cabeça pensar pensamentos novos e germinar ideias? Em sala de aula, cabe a quem despertar o “apetite” da inteligência das crianças? Penso que seja a professora que, na arte de ensinar, constrói a ponte entre crianças e novas possibilidades de ler, reler e inscreverem-se o/no mundo que as cerca. Assim, embarquemos na investida a conhecer um pouco a respeito de mais um percurso que me foi possível identificar nesta trajetória investigativa.

Sigamos a rota marítima da sala de aula!

3.1 – Tripulação em ação: ensinando e aprendendo a ler o mundo

Ela é legal... Uma professora muito boazinha... Gosto da historinha que ela conta... (RITA, 7 anos).

A viagem continua. No veleiro, a outra “categoria viajante” começa a me inquietar. É hora de inclinar meus sentidos na tentativa de compreender os fleches da realidade que os percursos epistemológicos e pedagógicos vivenciados na sala de aula permitiram ser alcançados por esta pesquisadora em fase inicial. Lupas em mãos, Continuemos a trajetória!

Conforme os pensamentos de Freire (1996), as constantes indagações são fundamentais em sala de aula. Para esse autor, fazendo assim, o/a professor/a possibilita a construção e reconstrução do conhecimento de seus alunos.

Essas questões comungam com as práticas pedagógicas da professora Rachel, pois, ao indagá-la a respeito do por que ensina do jeito que ensina, responde que:

Eu trabalho o texto e vou explorar o texto no texto, pra mim se torna mais fácil trabalhar desse jeito, porque daí eu vou pra cima dos questionamentos, eu começo a perguntar, por que é isso? E por que não é daquele jeito?
(RACHEL, ent. junho de 2015).

No momento “**Turbulências à vista... E agora, pequenos marinheiros?**”, busquei perceber se elas gostavam de falar nas aulas, quando a professora Rachel lhes fazia perguntas sobre os assuntos que estavam sendo expostos. As crianças responderam:

Gosto, tem vez que eu falo, tem vez que eu fico calada (...) eu fico gostando (...) quando agente tá estudando eu falo, eu gosto (...) eu gosto de contar história.
(Ana, 7anos).

Eu falo com meus colegas (silêncio) quando a professora deixa a gente fala, quando é os numerais a gente faz e amostra pra ela tudo certo. Eu fico feliz.
(Pedro, 6 anos)

Eu me calo quando a professora diz é a vez de outro, aí eu deixo... Eu acho legal falar na sala... Conversar é bom... Quando a gente falar sente a natureza
(Vera, 6 anos)

Eu gosto de falar qualquer coisa... (risos) (Maria, 6 anos)

Gosto... (silêncio)... Agente fala pra saber e fazer amigos... Só. (Carlos, 6 anos)

Eu gosto muito de falar na sala, eu solto alegria... (risos)... A gente tem que aprender... Eu fico pensando, tiro da cabeça e falo (risos). (Rita, 7 anos) [grifo meu].

Percebo, por meio das falas das crianças, que a singularidade das práticas pedagógicas da professora Rachel é contemplada em sua sala. No momento da entrevista com as crianças, por exemplo, notei, não apenas por meio de suas vozes, mas também em suas expressões corporais, seus risos e seus olhares a satisfação em terem espaço para a liberdade de seus pensamentos.

Nesse sentido, é notável a importância das vozes das crianças se fazerem ouvidas e sentidas, para que elas tenham a oportunidade de expor seus conhecimentos e até mesmo troquem saberes entre seus pares, e estes, com sua professora.

Em relação às questões precedentes, Freire (1996, p. 29) nos afirma que

nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (...) faz parte da sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar.

Destaco que uma das singularidades que repousa nas práticas pedagógicas da professora Rachel se revela na maneira como ela respeita o momento de cada criança se expressar, além do fato de ela mesma reconhecer que aprende com seus alunos. Na entrevista, a professora explicou que:

Então eu penso que deixar que eles mesmos deem aula pra eles; se eu pergunto e eles respondem, eu acho que eles que estão se ensinando não sou eu que estou ensinando, pelo contrario, estou é aprendendo com eles quando surgem questões na sala de aula.

(RACHEL, junho 2015)

Ao analisar o conjunto de dados deste estudo, se torna imprescindível não deixar estampada a relevância da postura da professora, que é mais que uma atitude pedagógica, já que, ao se permitir aprender com as crianças, nos ensina mais que valores escolares. Ela nos chama à atenção dos nossos sentidos, não apenas como professoras e professores, para o significado da vida e das crianças na posição de cidadãs que são. Ouso em dizer que os métodos científicos não conseguiriam medir este valor.

Os posicionamentos nos esboços acima se tornam ainda mais evidentes quando Dias (1999, p. 191), enfaticamente, tece que “se queremos contribuir para a formação de sujeitos críticos, é fundamental que esses sujeitos, embora de pouca idade, possam falar e ser ouvidos”. Esse posicionamento encontra-se também em Freire (1996), segundo o qual “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25).

Dentre algumas cenas pedagógicas que me foram possíveis presenciar em sala de aula, um dos diálogos que chamou minha atenção foi:

- *Quem sabe me dizer onde habita a sardinha?* Indagou a professora.
- *Numa latinha.* Respondeu Rita.
- *Habita numa latinha?* Indagou a professora.
- *Muito bem.* Parabeniza a professora sorridente.
- *Mas antes dela ir pra latinha, de onde ela veio?* Instiga a professora.
- *Do mar.* Respondeu Carlos.

– *E depois que ela sai do mar para ir pra lata, onde ela fica?* Perguntou a professora.

– *O pescador pega ela e leva pra um lugar onde um homem com roupa branca pega as sardinhas e ajeita... Aí leva pro mercadinho e a gente vai lá e compra ela.* Explicou Pedro, gesticulando.

(VÍDEO GRAVAÇÃO, 20/05/2015)

Como se vê, a professora Rachel, em sua prática pedagógica, valoriza e respeita as hipóteses das crianças. Percebe-se, também, que a professora motiva as crianças a argumentarem sobre os assuntos que estão sendo discutidos na aula.

A postura da professora em sala de aula busca criar as possibilidades necessárias para a construção e reconstrução dos conhecimentos das crianças. Essas nuances ficam mais vivas quando BIZZO (2009, p. 38) sublinha que “é importante incentivar os alunos a pensarem sobre os temas tratados, reconhecer suas conquistas em seu processo de aprendizagem e no engajamento e determinação na consecução de seus propósitos”.

É válido destacar que, apesar da professora abrir espaço para as indagações e conhecimentos prévios das crianças em relação aos temas referentes ao ensino de ciências, e sendo esta prática de suma importância; entendo que o ato de planejar é forçoso em meio aos condicionamentos impostos pela coordenação da escola. Há necessidade, portanto, de haver organização desse ensino, a fim de que os conhecimentos trabalhados em sala de aula tornem-se ainda mais significativos para as nossas crianças, além de possibilitar à professora um posicionamento mais organizado frente às indagações delas.

Nessa perspectiva, vale destacar que a colocação do pensamento reflexivo exposto comunga-se aos de Madalena Freire quando, em sua obra “A Paixão de Conhecer o Mundo”, abre um parêntese e nos chama a atenção para o fato de que:

é fundamental que as crianças tomem consciência de que elas estão fazendo, conquistando, estão se operando do seu processo de conhecimento. E que o professor igualmente, com elas, os dois são sujeitos deste processo na busca do conhecimento. Daí que o papel do professor não é de “dono da verdade”, que chega e disserta sobre o “corpo e seu funcionamento”, mas sim o de quem, por maior experiência e maior sistematização, tem a capacidade de devolver às crianças, de modo organizado, as informações do objeto de conhecimento (2007, p. 45). [grifo meu]

Tendo isso em vista, é pertinente registrar, neste percurso, o convite que a professora Rachel faz a todas e todos os professores e professoras a refletirem respeito da importância do debruçar de nossos sentidos em direção ao significado das vozes de nossas crianças, para tentarmos compreender o que dizem e como dizem. Porém, sem perder de vista que planejar o ensino também é indispensável.

Ainda com relação ao convite, penso ser indispensável deixar de revelar que as questões analisadas são epistemologias pedagógicas, que foram percebidas em um contexto caracterizado por muitos percalços e desafios que a professora enfrenta no cotidiano de sua sala de aula. Mas, nem por isso deixa de demonstrar a esperança que possui. E estes também são um dos saberes necessários à prática docente (FREIRE, 1996).

4 – A viagem acabou? Não, apenas mais um porto

Ainda “mergulhada no velejando no mar da sala de aula”, atraco o veleiro que me possibilitou conhecer águas, paisagens e vozes desconhecidas, que se permitiram revelar-se em meio ao desenhar desta viagem tão árdua e desafiadora, mas também prazerosa.

Em meio à busca investigativa por percursos epistemológicos e pedagógicos no processo de ensinar e aprender ciências, foram diversos os momentos em que me senti como *Teseu*, da mitologia grega, porém sem enxergar o fio de Ariadne, no labirinto. Acredito que essas sensações tenham sido fruto das “desorientantes” do orientador desta pesquisa que, por entre a neblina da viagem, se deixou mostrar no vento que soprava as velas de meu veleiro. Essas percepções não me foram nada fáceis.

Na seção “**Dores e sabores: entre perdas e inspirações para velejar**”, na busca pelo “**Aprendendo a usar a bússola: que direção seguir?**”; nas paradas que tive de fazer para “**E agora?**”; diante a tantas opções para escolher as ferramentas metodológicas, o *locus* da pesquisa, os parceiros, a responsabilidade que resolvi assumir para saber, conhecer e revelar aos leitores “**A história de uma capitã que se fez professora**” nas “**Turbulências à vista... E agora, pequenos marinheiros?**”, as impressões das cenas pedagógicas, os percursos que foram possíveis de serem identificados. *Neste momento de permitir as vozes de meu silêncio na busca do entender o “A viagem acabou?”*

Cada momento que apresentei representa, para mim, um porto em que tive de atracar meu veleiro no cais para refletir e retornar para a investida de continuar a conversar com vocês, leitores. Quem sabe, estejam sentindo falta das indagações ou das palavras para mergulhar no refletir que tentei deixar registrado em todos os portos, para iniciarmos nossas conversas em alguns momentos desta empreitada.

Mas acalmem-se! Esses detalhes, que penso ser importantes, estão repousados na essência de meu silêncio, enquanto digito essas “palavras pensantes”, para deixarem ser reveladas aos novos velejadores. Todavia, continuemos...

Ao longo do processo de pesquisa, tenho entendido que, em um estudo investigativo acerca das salas de aula das escolas, é preciso que o pesquisador se permita tentar ler o contexto do texto da sala, não apenas com olhos e intelecto, mas também com os sentidos. Penso que assim teremos as possibilidades, aos menos, de enxergar o significado de uma parte da realidade descrita nas entrelinhas da palavra **sala de aula**.

Entendo ser válido destacar, ainda, que, por mais que eu tenha me encontrado na condição de pesquisadora neste processo, seria ingênuo e, por que não dizer presunçoso, da minha parte, mesmo tendo buscado investigar e analisar os dados que foram construídos, querer deixar registrado nestas linhas todas as respostas do contexto da realidade dos percursos que identifiquei.

Além disso, confesso que os percursos que me causaram inquietações provocativas, por entre os encontros e desencontros no trajeto desta árdua, porém, aventureira e prazerosa investida, ainda me inquietam, abrolham em meus pensamentos o ansiar por novas perspectivas investigativas. Continuo a sofrer com dor nas ideias!

E como já tenho considerado você, leitor, mesmo que ainda não tivesse deixado a conhecer por meio da palavra ao longo desta jornada, cúmplice desta viagem investigativa. Assim, e revestida por esse sentir, é que mais uma vez aventure-me em compartilhar alguns dos resquícios que as “perguntas viajantes” insistem pairar em meus sentidos.

Nessa perspectiva, pergunto: as indagações e curiosidades das crianças causam algum efeito na organização do planejamento dos professores? Professora que se atenta para os questionamentos das crianças ensina e aprende melhor? As trocas de saberes entre criança e seus pares influenciam o fazer pedagógico de seus professores? Criança que ensina criança cria um intercâmbio de saberes? Seria esse um processo mútuo de formação cognitiva e social? Ou seria o inverso? Seria nessas interações que nascem as ciências das crianças?

E digo mais. Qual seria a ciência das crianças? E se as indagações das crianças fossem transformadas em temas para serem trabalhados nas aulas de ciências? Seria essa uma das possibilidades para a aquisição da leitura e escrita das crianças em relação ao mundo que as cerca? O que significa, para além da palavra, ser alfabetizado/alfabetizador? Se uma pesquisa nasce a partir de uma ideia imbuída de perguntas, não seriam as crianças “pequenas grandes” pesquisadoras?

Essas, entre tantas outras indagações, emergem na penumbra das dores de ideias que insistem ser sentidas em meus pensamentos, enquanto navego pelas teclas do computador. Permito-me enxergar o vento do orientador, que, desorientando, orientou as velas do veleiro desta pesquisa.

Embora este percurso investigativo tenha sido traçado em um pouco espaço de tempo, as impressões que foram possíveis de ser identificadas passaram a ficar tatuadas em meus sentidos; e pretendo carregá-las na investida de minhas futuras práticas pedagógicas ao longo do trajeto pelos mares de nossas escolas.

Sublinho, aos leitores que se permitiram embarcar no velejar por entre as palavras que desenham uma pequena trajetória de experiências vividas e sentidas desta *vim a ser* pesquisadora, que as laudas que foram ou serão folheadas são, na verdade, um convite para quem se permitir também realizar uma expedição investigativa.

Tenho “*Dores e sabores...*” até o “*A viagem acabou?*” como gráficos simbólicos que dão sentido ao significado de minha assinatura neste texto, mas que reconheço que contou e tem contado com muitas mãos na hora de pegar a caneta ou, se preferirem, tocar as teclas. Desse modo, assino: É um novo recomeço... Então, embarquemos, velejadores, rumo a novos cais... Pois...

Nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia. Tudo passa tudo sempre passará. A vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinitos. Tudo o que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo. Tudo muda o tempo todo no mundo [...]

Lulu Santos

Deixo ainda registrado, no embalo das “ondas da voz” de Lulu Santos, dizendo: quem sabe, caros leitores e cúmplices nesta investida, nós nos encontraremos “num indo e vindo” do infinito das ondas no mar das pesquisas, em mais uma investida do *vim a ser* pesquisadora, imersa no processo de ensinar e aprender ciências, no embalo metafórico, por entre partituras musicais, para cantar e contar experiências vividas e sentidas em ações pedagógicas... Cantemos, então!

5 - Referências

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. SP: Papyrus, 2012a.
- _____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- _____. **Educação dos sentidos e mais...** Campinas, SP: Verus, 2010.
- _____. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. SP: Edições Loyola, 2012.
- _____. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora: planeta do Brasil, 2008.
- AUSUBEL, D. P. **Psicologia educativa: um ponto de vista cognoscitivo**. México, DF: Trillas, 1976.
- BIZZO, Nelio. **Ciências: fácil ou difícil?** 1. ed. São Paulo: Biruta, 2009.
- CARVALHO, Ana Maria Almeida, (Org.). **Teoria e Prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Uma metodologia de pesquisa para estudar os processos de ensino e aprendizagem em sala de aula. In: SANTOS, Flavia Maria Texeira dos; GRECA, LLeana Maria. **A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. (Coleção educação em ciências).
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a contribuição de valores das novas gerações**. SP: Gente, 2005.
- CORAZZA, Sandra, Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FALABELO, Raimundo N. O. Formação: um evento intersubjetivo e interdiscursivo; enredando fragmentos. In: **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FIGUENOTO, Regina. **A viagem da sementinha**. São Paulo: Paulinos, 2007.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra].** – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra 1996.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de Conhecer o Mundo**: relato de uma professora. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

KRAMER, Sônia. **Infância e educação infantil e direitos humanos**. SP: Cortez, 2003.

LARROSA, J. **Por uma educação romântica**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

_____. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Leituras SME**. Campinas, SP: SME, n.4, julho 2001a.

_____. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'Anna. **Por que planejar? Como planejar?** Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1993.

MINAYO, Maria. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAES, Roque. **O Ensino de Ciências nas Séries Iniciais**. Porto Alegre: Sagra 1992.

MULLER, Fernanda, (org). **Infância em perspectiva**: políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez, 2010.

RAPOPORT, Andrea; SAMENTO, Dirléia, Fanfa; NORNBORG, Marta; PACHECO, Suzana, Moreira. **A criança de seis anos**: no ensino fundamental. (Org). FERRARI, Andrea, Gabriela et al. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória, (auto) biografia e formação. In: CHAVES, Silvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de. **Formação e Docência**: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica. Belém: CEJUP, 2011, p. 37-51.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

6 – Apêndices

Apêndice A: **Diário de bordo**

Apêndice B: **Roteiro de entrevista com a professora Rachel**

Apêndice C: **Roteiro de entrevista com as crianças**

Apêndice A: Diário de bordo

E. M. E. F. **SONHO POSSÍVEL**

PROFESSORA: **RACHEL**

TURMA: **1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

PESQUISADORA: **RAQUEL ROCHA LIMA**

Segunda-feira, 30 de Março.

Conforme havia sido acordado com a direção da escola, o professor Adriano Silva juntamente com suas auxiliares de pesquisa Raquel Rocha e Tamela Melo reuniram-se na sala de leitura da escola, com intuito de explicar os objetivos da pesquisa que iria ser desenvolvida com turmas do 1º ano do ensino fundamental, e também lançar o convite para as professoras das respectivas turmas a participarem da pesquisa.

Na sala havia cinco professoras, sendo que das quais, a professora Rachel se dispôs a colaborar participando da pesquisa, além de sua disposição a mesma convenceu a sua parceira de trabalho a professora Elen a participar também. As outras professoras não manifestaram interesse em participar.

Quarta-feira, 15 de abril.

TEMA DA AULA: Letras B/G maiúsculas e minúsculas.

- ✓ Atividades dirigidas no quadro;
- ✓ Caça letras.

Ao entrar em sala de aula as crianças logo demonstraram curiosidade em relação a minha presença, então a professora Rachel me apresentou para turma e pediu que eu explicasse os motivos pelos quais me levaram até aquela sala de aula.

Sendo assim, disse para as crianças que elas estavam sendo convidada a participarem de uma pesquisa, logo uma das crianças perguntou: *tia como é essa pesquisa?* Então expliquei que era uma pesquisa a respeito de algumas atividades desenvolvidas em sala de aula, e que a pesquisa envolvia gravações, portanto, eu iria utilizar uma câmera filmadora. Mostrei a câmera para todas as crianças; algumas ficaram curiosas com o instrumento e me fizeram algumas perguntas sobre a câmera, assim eu ia respondendo suas curiosidades, logo a seguir, a aula teve continuidade.

A professora escreveu algumas palavras no quadro contendo as consoantes B/G e ia escolhendo as crianças por meio da cantiga “mamãe mando”, a criança escolhida deveria identificar as consoantes em questão.

Em seguida a professora espalhou no chão algumas letras e ia chamando as crianças pelos seus nomes para retirarem das letras espalhadas a consoante B/G e pôr em cima da mesa.

A professora distribuiu entre os alunos uma atividade xerocada contendo algumas figuras com seus respectivos nomes pela metade, pois as crianças iriam ter que descobrir as sílabas que estavam faltando.

No momento da atividade uma criança perguntou “*professora eu posso desenhar as figuras?*” Então a professora perguntou para todas as crianças se elas queriam pintar e todos disseram que sim.

Interação em sala de aula

- ✓ As crianças formam grupos para conversarem;
- ✓ As crianças não demonstram estarem incomodadas com a presença da filmadora, pois agem naturalmente.
- ✓ Algumas crianças quando querem muito dizer algo e não consegue a atenção da professora, elas dão um jeito de falar para um colega ao lado, já outras simplesmente se calam.
- ✓ Na sala há crianças falantes/não falantes.
- ✓ Quando as crianças se deparam com alguma novidade, elas buscam conhecer perguntando e manipulando os objetos.

Sexta-feira, 17 de abril.

TEMA DA AULA: Letra “C”/Numerais.

- ✓ Aula expositiva no quadro;
- ✓ Declamação de um verso sobre a letra “C”;
- ✓ Atividade xerocada para colar no caderno;
- ✓ Atividade envolvendo numerais.

Neste dia a professora entregou o livro de “letramento” para as crianças e deu orientações sobre o cuidado que elas deveriam ter com o mesmo. As crianças folhearam o livro, falavam sobre as figuras que apareciam nele e cantavam as cantigas que tinham escrita no livro fazendo leitura das imagens.

Enquanto as crianças iam fazendo as atividades no caderno a professora passava na carteira das crianças para observar a letra e a organização das crianças no caderno delas. Após a verificação dos cadernos, a professora explicou para as crianças outra atividade que elas iriam fazer, essa atividade era de matemática. A professora leu o enunciado da atividade para as crianças e perguntou para elas, o que elas achavam que teriam que fazer naquela atividade, as crianças se manifestaram dizendo que elas achavam.

A professora explicou para as crianças sobre o símbolo da conta de adição, neste momento ela ia usando os termos corretos da linguagem matemática, e como no quadro havia alguns desenhos, a professora pediu para as crianças irem contando junto com ela, para saberem a quantidade de cada figura. Após a contagem, a professora montou no quadro uma operação de adição junto com as crianças, e ia fazendo a leitura dos símbolos matemáticos presentes na operação.

Na atividade de matemática havia pequenas continhas de adição e a professora deu um tempo para as crianças resolverem. Quando as crianças acabaram de resolver a atividade, a professora perguntou para elas, o que elas fizeram para chegarem a resolução das operações, neste momento Matheus se manifestou mostrando os dedos, então a professora deixou ele explicar. Matheus mostrou as mãos, colocando uma quantidade de dedos de um lado e outra quantidade do outro lado e no final somou tudo e falou o resultado de sua continha. Depois a professora reforçou para as outras crianças como o Matheus havia feito sua conta.

Segunda-feira, 20 de Abril.

TEMA DA AULA: Letra "C" e as partes das plantas.

- ✓ Aula expositiva no quadro;
- ✓ Atividades xerocadas no caderno;
- ✓ Leitura de uma quadrinha sobre o cajueiro.

Neste dia aula teve início com uma oração, seguido de cantigas, logo em seguida a professora distribuiu as fichas com o cabeçalho da escola, para que as crianças escreverem em seus cadernos. Esse momento descreve a rotina do primeiro momento da sala de aula. Depois da rotina da sala, a professora passou nas carteiras das crianças para verificar a letra das crianças e a organização do caderno.

Para iniciar a aula deste dia, a professora pediu que as crianças abrissem o livro onde se encontrava a imagem de um cesto cheio de cajus, as crianças começaram a folhear o livro procurando a tal página, entre a procuração uma criança perguntou para professora aonde era que estava a figura, então a professora disse para as crianças o número da página anunciando o número 51, explicando a composição do número (5 e o 1, forma 51). Uma criança perguntou: *É o 15?* A professora disse que não, explicando novamente a composição do número 51.

A professora explicou para as crianças que a palavra caju possui quatro letras, tendo em sua inicial a letra C, sendo que está letra faz parte das consoantes e possui uma família silábica. A professora perguntou para as crianças quem se lembrava da família silábica da letra “C”, algumas crianças confundiram com a família silábica da letra “G”, e a professora começou pronunciar a família silábica da letra “C” para as crianças se lembrarem do som silábico da letra “C”. A professora pediu para as crianças dizerem palavras com as sílabas *ca, co, cu, cão*.

Todas as crianças estavam com seus livros abertos e a professora pediu para que elas recitassem a quadrinha sobre o caju, assim as crianças recitaram. Após a leitura a professora pediu para as crianças procurarem e circularem a palavra *caju*.

Em seguida a professora desenhou um *pé de caju* no quadro e pediu para as crianças identificarem de que árvore se tratava aquela imagem, as crianças falaram que era um *pé de caju*, e a professora perguntou para elas como se chamava a árvore do *caju*, as crianças falaram que era cajueiro.

A professora começou instigar as crianças sobre “o mundo dos vegetais”, falando sobre o cajueiro e perguntando o que essa árvore era, se era uma pessoa, um animal ou um objeto, as crianças disseram que era uma planta, assim a professora explicou para as crianças que todas as plantas são seres vivos, porque elas nascem, crescem se reproduzem e morrem. A professora explicou para as crianças que reproduzir significava que as plantas tinham mudas e essas mudas eram seus filhotes.

Conflitos: algumas crianças queriam desenhar, mas a professora ainda estava explicando o assunto da aula, então ela disse para as crianças que havia um tempo para cada coisa, e aquele momento era de prestar atenção para a explicação da professora; lembrando as crianças sobre os combinados da sala de aula.

A professora voltou para o desenho do cajueiro no quadro, e pediu para as crianças irem identificando as partes que compunham a árvore do caju, apontando para as folhas, os frutos, as flores, a semente o tronco (caule) e a raiz.

Na hora dessa interação a professora levantou uma problemática, perguntando para as crianças o que era o *caju*, uma criança disse que era uma fruta, assim a professora perguntou também qual era a semente do caju, as crianças disseram que era a castanha, então a professora perguntou para as crianças se a castanha do caju era uma semente ou um fruto, as crianças disseram que era o fruto, e a professora explicou que era as duas coisas, ou seja, o fruto e a semente (neste momento surgiu a palavra pseudofruto), e a professora explicou de maneira simples para as crianças como se dava o processo de reprodução das árvores, e também sobre a função da raiz nas plantas.

Quando a professora pediu para as crianças dizerem as partes das plantas, elas falaram: *folha, flor, fruto, semente, raiz, caule e caju*. Então a professora disse para as crianças que elas estavam confundindo as parte com o caju, e explicou que o caju era o fruto

do cajueiro, e que existiam outras árvores frutíferas, assim pediu para elas dizerem o nome de outras árvores; as crianças falaram o nome de várias outras árvores, e a professora pediu para elas falarem as partes dessas plantas, e as crianças falaram as partes da planta, só que agora sem colocar o **CAJU** na questão.

A professora disse para as crianças que se não chovesse, elas iriam fazer um passeio pelos arredores da escola para verem algumas árvores, mas de repente começou a chover. Neste momento João disse:

João: *professora lá em casa quando chove minha mãe coloca um copo com água em um prato e para de chover.*

Professora: *como é João, você pode explicar direitinho pra gente?*

João explicou passo a passo para toda a turma, as outras crianças ficaram caladas, prestando bastante atenção na explicação do João. Assim a professora foi até a cozinha da escola, pegou os instrumentos necessários e fez tudo conforme o João havia dito, e colocou o copo com água e virado em um prato em cima da mesa. Ora ou outra ia uma criança até a mesa observar o copo, numa dessas idas e vindas, uma criança perguntou: *professora porque a água não derrama?* A professora respondeu: *É a mágica.*

Após algum tempo a chuva havia passado, então Bia disse: *a palavra do João é verdade.*

Pergunta para a professora:

1- Professora com que intuito a senhora acatou e fez o experimento que o João disse que faria parar de chover?

O mundo dele (João) é só o Jhon, ele não se entrosava com nem outro colega, então eu imaginei o seguinte “que eu dando credito praquela experiência dele e fazendo que os colegas também acreditasse que aquilo ia dar certo”... tanto é que ficou a “experiência do João”... fizesse com que ele desamarrasse do Jhon... E eu procuro também dar crédito ao o que eles falam.

Quarta-feira, 22 de Abril.

TEMA DA AULA: Numerais/ Contas de adição

- ✓ Aula expositiva no quadro;
- ✓ Contagem com auxílio dos dedos;
- ✓ Momento da leitura.

A aula deve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora comentou com as crianças sobre o dia do descobrimento do Brasil, que se comemora no dia 22 de abril.

A professora pediu para as crianças contarem quantos alunos havia na sala de aula, algumas crianças falaram que havia 20 alunos e outras diziam que era 19, sendo assim a professora começou a contar juntamente com as crianças para juntos saberem a quantidade exata de alunos, chegando a conclusão que eram 19 alunos.

A professora comentou sobre a letra “C”, relembrando a aula anterior e também trabalhou com as crianças a quantidade de sílabas e vogais, envolvendo os numerais. Após esse momento, a professora escreveu no quadro algumas continhas de adição para as crianças resolverem em seus cadernos.

Em meio à atividade Jhon e João disseram que $(5 + 3)$ era (53) , então a professora diz para toda a turma o resultado da conta dos meninos e pedi que todos contem junto com ela para juntos saberem se a conta estava correta, neste momento keure sugere que todos usem os dedos para saberem a resolução da conta e a professora aprecia a sugestão da criança, e todos começam a contar nos dedos, e acabam descobrindo que o resultado é 8 em vez de 53.

Após as atividades a professora trouxe para sala uma caixa cheia de livro infantil para as crianças escolherem lerem a vontade.

Pergunta para a professora:

- 1- Professora qual seu objetivo de trabalhar as questões que envolvem a matemática interligada com a língua portuguesa?

Eu acho mais fácil trabalhar os dois juntos, tanto a língua portuguesa quanto a matemática do que trabalhar separado, por que eu penso assim... Nada me impede de eu tá dando uma aula de letramento em língua portuguesa em leitura e eu trazer os números... Por que o que nossos alunos daqui do 1º ano precisam saber para ir para o 2º ano? Todo alfabeto e os numerais até 30, mas se a gente for sentar e for vê com eles, eles sabem até 10 bacana, mas quando passa de 10... o 11, 12... Eles já se enrolam um pouquinho, então eu aproveito este momento pra está mostrando também os números, como escreve os números, como chego naquele número... Pra nunca deixa um separado do outro, até pra não esquecer... Eu tenho feito pouco esse ano, ano passado eu fazia mais essas relações... É como se fosse uma revisão, sempre está resgatando número e sempre está resgatando letras, independente da aula que seja... Pode observar que a gente trabalha pouco os Estudos Sociais que é a História, a Geografia, a gente trabalha pouco, se é certo ou errado eu não sei te dizer, mas eu vejo que isso falta ser mais trabalhado na gente ou uma formação na gente em como engajar tudo...

Por que olha só, a gente teve formação em letramento na área da leitura, formação em alfabetização matemática, e ai a gente já consegue juntar; tem deficiência, mas a gente já junta, mas quando a gente chega lá pra História, Geografia, a gente já empaca, mas nada impede da gente está trabalhando mapa, em mapa a gente trabalha letras, cores, faz a leitura da legenda.

Mas aí a gente ainda não viu como encaixar tudo isso... Uma aula sobre mapa, por exemplo, tem como a gente fazer o mapa da turma pra saber o lugar de cada um com uma cor diferente, mas a gente... Por algum motivo não faz, tal vez por outras cobranças, por a gente se sentir tão cobrado na leitura, a gente acaba esquecendo essas outras linguagens, tanto é que hoje a gente sentou e fez o seguinte questionamento: nossos alunos tem que chegar lá no 2º ano lendo? É isso que a gente tem que fazer? Porque a gente se questiona? Por que os professores que estão com os nossos alunos do ano passado, que a gente achou que eles estavam bem, os professores estão se queixando... Assim “o menino conhece a letra, mas não sabe juntar os pedaços pra ler”... Aí é por isso que a gente estava se questionando enquanto a isso: até aonde vai o 1º ano? É o 1º que ensina juntar esses pedacinhos?

Olha hoje eu trabalhei a musiquinha do sapo pra falar de higiene, mas era pra falar só isso? Não, eu podia trabalhar a questão do que o sapo é, onde ele vive, do que ele se alimenta, mas teve outra cobrança... Assim “olha vocês estão atrasadas, vocês tem que correr nisso daqui”. Tem cobrança dos professores que está com turma atrasadas, tem cobrança da coordenação que acompanha um planejamento que foi feito e pra ela está atrasado... Então a gente pira pra dar certo.

Quinta-feira 23 de Abril.

Neste dia não houve aula na sala da professora Raquel devido da formação continuada no projeto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Sexta-feira 24 de Abril.

TEMA DA AULA: Formas geométricas.

- ✓ Aula expositiva no quadro;
- ✓ Atividades no caderno.

A aula deve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora consultou seu plano de aula, mas antes de falar da atividade do dia, a professora passou nas carteiras das crianças, para corrigir o dever de casa.

As crianças que iam acabando de fazer o cabeçalho saíam de suas carteiras e iam para perto do quadro brincar, abrindo assim, um espaço para o momento “lúdico”, cada criança brincava a sua maneira; e é que em segundos o lúdico se fez sentido entre as crianças; e em seus olhos se via o brilho do prazer do brincar, em seus lábios o som melódico anunciando a diversão.

Em questão de segundos, muitas coisas aconteciam em sala de aula, pois umas crianças brincavam com brinquedos, outras usavam os materiais escolares como brinquedo, dando lugar a imaginação. Neste momento um lápis virou foguete, uma borracha carrinho; não importava o objeto. Era como se a meninada tivesse entrado em um mundo sem padrões para formas e cores.

Quando a professora terminou de corrigir os cadernos, ela pediu para as crianças sentarem, e escreveu no quadro a palavra CONHECIMENTO, leu o nome para as crianças e perguntou:

Professora: *crianças o que é conhecimento?*

Crianças: *é árvore, pessoa... Tudo.*

Em seguida a professora escreveu no quadro uma atividade voltada para a aprendizagem das formas geométricas, desenhando um quadrado, círculo, retângulo e triângulo. Com as formas no quadro, a professora ia pedindo para as crianças dizerem o nome de cada forma.

Quando as crianças estavam escrevendo a atividade do quadro em seus cadernos, Bia perguntou: *tia eu faço um círculo grande ou pequeno?* Antes de a professora responder, Aline sugere que ela trace o desenho do círculo pegando duas linhas do caderno, a professora aprecia a ideia da menina e diz para todas as crianças fazerem do jeito que a Aline havia dito.

Enquanto as crianças estavam concentradas em suas tarefas, Lucas levantou de sua carteira e me disse: *Tia no quintal de casa tem um pé de milho, eu acho que tá maduro, por que o milho tá amarelo.*

A professora passou nas carteiras das crianças para verificar a letra delas e a organização do caderno. Ao observar que algumas crianças tinham escrito no meio da página, a professora ia apagando para elas escreverem novamente, e as crianças expressaram insatisfação, mas mesmo assim reescreveram a tarefa.

Perto do término da aula, a professora pediu para as crianças formarem uma fila, pois elas iriam observar uma árvore nas proximidades do muro da escola. Chegando perto da árvore, a professora perguntou para as crianças se elas sabiam o nome daquela árvore, e elas disseram: *É uma mangueira.*

A observação não foi muito satisfatória por causa do ensaio da banda da escola, e como havia muito barulho, as crianças não prestaram muita atenção para as explicações da professora.

Segunda-feira 27 de Abril.

A aula deve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora passou nas carteiras das crianças para corrigir o dever de casa, e ao observar que algumas crianças não haviam feito a atividade, a professora conversou com elas sobre a importância de se fazer a tarefa que vai para casa.

TEMA DA AULA: revendo algumas consoantes e vogais.

- ✓ Aula expositiva no quadro.

Após a organização do primeiro momento da aula, a professora pediu para as crianças fazerem a contagem dos alunos, sendo que a contagem foi dividida em grupos de meninos e meninas. A professora escreveu no quadro a quantidade de meninos e de meninas, aproveitando para ensinar para as crianças a conta de adição.

A aula expositiva foi voltada para o aprendizado das consoantes “C”/ “G” e a vogal “A”. O enunciado no quadro pedia para as crianças desenharem frutas, objetos e animais com a letra inicial envolvendo a consoante e vogal em questão, sendo que em seguida as crianças deveriam escrever o nome de cada desenho.

Em meio às atividades, algumas crianças estavam bastante agitadas, então a professora chamou a atenção das mesmas, e lhes disse que como elas estavam atrasadas nas atividades elas tinham perdido o direito de conversar com os colegas.

No momento da atividade a professora notou que Bia estava insegura diante da atividade, como se a criança estivesse com medo de errar o dever. Neste momento a professora conversou com Bia lhe dando confiança, lhe mostrando que o erro também leva ao acerto.

Quarta-feira 29 de Abril.

A aula deve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora passou nas carteiras das crianças para corrigir o dever de casa. A professora explicou para as crianças sobre a dinâmica da aula, pois ela havia trazido uma ficha para trabalhar a leitura e a escrita.

TEMA DA AULA: leitura e escrita/família silábica da letra “B” e Vogais.

- ✓ Leitura nas fichas;
- ✓ Escrita do nome de desenhos;
- ✓ Atividade xerocada e colada no caderno.

As fichas que a professora entregou para as crianças havia as Vogais maiúsculas e minúsculas e a família silábica da letra “B”. Ao entregar as fichas para as crianças a professora pediu que a criança que fosse chamada deveria ir até a mesa dela com a ficha para ler (o momento de leitura teve sua duração até a hora do intervalo).

No segundo momento da aula, a professora colou no caderno das crianças uma atividade sobre a letra que estava sendo trabalhada, e explicou passo a passo para elas como a atividade tinha que ser feita. Enquanto as crianças iam fazendo as atividades, a professora passava nas carteiras verificando a organização delas.

Quinta-feira 30 de Abril.

A aula deve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora pediu para as crianças contarem os alunos presente em sala. As crianças começaram a contar, quando elas disseram a quantidade para a professora, a mesma perguntou para as crianças como que se escrevia o número que elas haviam dito; o número em questão era o 19, e algumas crianças disseram que se escrevia com o 2 e o 9, assim a professora explicou que se ela escrevesse o 2 e o 9, ficaria vinte e nove, e não dezenove.

TEMA DA AULA: As vogais.

- ✓ Aula expositiva;
- ✓ Escrita das vogais no quadro;
- ✓ Atividade xerocada e colada no caderno.

No segundo momento da aula, a professora trabalhou as vogais por meio de uma cantiga, e ao passo que as crianças iam cantando e citava o nome de uma vogal, a professora escolhia uma criança para ir até o quadro escrever a vogal mencionada.

Após a cantiga sobre as vogais, a professora distribuiu para as crianças uma atividade xerocada, que também trabalhava as vogais. Para explicar a atividade para as crianças, a professora ia fazendo a leitura e pediu para as crianças acompanharem ela, passando o dedo sobre as letras. As crianças fizeram as atividades, e quando elas acabaram a professora passou pelas carteiras corrigindo os exercícios.

Aquelas crianças que pegavam o visto da professora, iam arrumando o material escolar, e em seguida se juntavam com seus pares para brincar, e a brincadeira aconteceu voluntariamente por parte das crianças.

Segunda-feira 04 de maio.

Neste dia não houve aula na sala da professora Rachel devido a formação continuada no projeto TRILHAS.

Quarta-feira 06 de maio.

Neste dia não houve aula na sala da professora Rachel devido a motivos pessoais da mesma.

Quinta-feira 07 de maio.

A aula deve início com a rotina: oração e cantigas (não houve distribuição das fichas).

TEMA DA AULA: Letra “M”.

- ✓ Leitura de uma marchinha de carnaval (Mamãe eu quero);
- ✓ Interpretação da marchinha;
- ✓ Atividade xerocada e colada no caderno.

A professora trabalhou uma marchinha de carnaval com as crianças, por meio da cantiga, a professora trabalhou a família silábica da letra “M”. No momento que as crianças iam cantando, a professora ia fazendo perguntas para as crianças, referente a questões que norteavam a cantiga.

Após a cantiga, a professora trabalhou a operação de adição fazendo contas com o número de vogais e consoantes de algumas palavras, em seguida a professora chamou algumas crianças para virem até a frente da classe para representarem as consoantes e as vogais; e assim efetuou uma operação matemática corporal.

Perguntas para a professora:

1- Professora a dinâmica da matemática corporal já estava em seu planejamento?

Eu já tinha planejado de fazer essa dinâmica com as mãos, mas eu já tinha feito tantas vezes, colocava vogal de um lado das mãos e consoantes do outro... Aí já estava muito chato... Aí eu me lembrei de outra atividade que eu tinha feito no ano passado... Aí eu trouxe eles pra frente da turma... Sem contar que a gente planeja, planeja, mas quando chega na hora da aula... Sabe aquele “insite” assim que dar? E a gente ver o momento e ver o que a gente tinha planejado e diz do “jeito que eles estão hoje não vai ficar legal”... Aí rapidinho a gente tem que pensar outra coisa, e essas mudanças a gente colocar lá na observação do plano de aula, acontece muito isso.

Segunda-feira 11 de Maio.

A aula deve início com a rotina: oração e cantigas. Em seguida a professora passou nas carteiras das crianças para fazer a correção dos deveres de casa. Ao terminar de corrigir as atividades das crianças a professora expos no quadro alguns exercícios que fazia inferência a letra “M” que já havia sido trabalhada na aula passada.

TEMA DA AULA: Letra “M”

- ✓ Aula expositiva;
- ✓ Atividades no quadro;
- ✓ Atividade xerocada e colada no caderno.

Momento de curiosidade: Com a entrada de uma borboleta na sala, as crianças começaram a indagar a professora sobre a vida daquele pequeno inseto; então a professora deu uma pausa no conteúdo que ela estava expondo, e começou a fazer algumas perguntas para as crianças.

Pergunta da professora: vocês sabem como é que nasce uma borboleta? Nesse momento Janaína começou a falar como nascia uma borboleta, e a professora deu espaço para que a menina pudesse falar. Após a fala da Janaína, a professora explicou para todas as crianças o passo a passo do nascimento da borboleta.

Pergunta de uma criança: professora o que a borboleta come? ESSA PERGUNTA NÃO FOI RESPONDIDA.

A professora aproveitou a palavra BORBOLETA para retomar o reconhecimento da letra “B”, e para isso perguntou para as crianças com que letra começava a palavra borboleta, algumas crianças responderam e a professora foi explicando e escrevendo no quadro a palavra BORBOLETA.

Em seguida a professora trouxe um jogo que fazia correspondências de imagens com a família silábica da letra “M”. Para essa dinâmica a professora ia chamando as crianças por dupla para jogar o jogo no fundo da sala em uma mesa separada da turma.

Pergunta para a professora:

- 1- Professora, com que intenção a senhora falou sobre a borboleta que entrou na sala de aula?

Justamente foi o fato dela, ser mais atrativa do que a aula... Então eu ia desgastar a voz, ia ter que aumentar o tom de voz e eles não iam deixar em paz a borboleta... Tanto é que enquanto eles não enxotaram a borboleta, não colocou a borboleta pra fora, eles não sossegaram... Então a gente faz esses reparos aí pra chamar eles pra prestar atenção na gente.

Quarta-feira 13 de Maio.

A aula deve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora passou nas carteiras das crianças para corrigir o dever de casa. Após o primeiro momento a professora fixou no quadro um cartaz com a música dos “Dedos” e cantou com as crianças.

TEMA DA AULA: Letra “D”.

- ✓ Cantiga da música dos “dedos”
- ✓ Aula expositiva;
- ✓ Atividade no quadro;
- ✓ Atividade no livro.

A professora explicou as atividades do livro que seriam trabalhadas com as crianças, essas atividades eram sobre a letra “D”, sendo nessa atividade as crianças deveriam completar as palavras com as letras que estavam faltando.

Quinta-feira 14 de Maio.

Neste dia não houve aula na sala da professora Rachel devido a motivos pessoais da mesma.

Sexta-feira 15 de Maio.

A aula deve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora passou nas carteiras das crianças para corrigir o dever de casa.

TEMA DA AULA: Higiene pessoal.

- ✓ Cantiga da música “o sapo não lava o pé”
- ✓ Atividade xerocada e colada no caderno.

A professora cantou com as crianças a música do “sapo não lava o pé”, após a cantiga, ela conversou com as crianças sobre higiene corporal e deu exemplos de doenças que eram ocasionadas devido à falta de cuidados com a higiene do nosso corpo.

Após a conversa sobre a higiene corporal, a professora perguntou para as crianças se elas sabiam o que era uma “impressão digital”, as crianças ficaram se entre olhando, então a professora explicou para as crianças que cada ser humano possui uma “impressão digital” e que através dessa digital as pessoas podem ser identificadas. Ainda sobre as digitais, a professora disse para as crianças que os gêmeos possuem a mesma impressão digital um do outro.

A professora entregou um pedaço de papel para cada criança escrever seu nome e colar em uma cartolina, em seguida pediu para as crianças formarem uma fila e escolherem um dos de seus dedos para ser pintado, e assim cada criança pintou a palma dos dedos e deixou registrada a digital na cartolina.

Segunda-feira 18 de Maio.

A aula deste dia iniciou com a professora fazendo a seguinte pergunta: *Vocês estão felizes?* Com essa pergunta lançada às crianças, cada uma ia dizendo o que pensava. Neste momento de conversas entre a professora e as crianças, Janaína disse: *tia a gente tem que viver feliz.* Diante da fala da menina, a professora começou a dizer para toda a turma que realmente a Janaína estava certa, já que todos estavam aparentemente bem de saúde.

Após a conversa, a professora pediu para as crianças abrirem o livro de matemática na página do dever de casa. Assim a professora passou nas carteiras das crianças para corrigir a atividade.

Em seguida a professora, perguntou para as crianças se elas sabiam o que significava a palavra “revisão”, as crianças começaram a dizer o que elas pensavam sobre aquela palavra, algumas ideias surgiram tais com: *olho, olhar, enxergar, vê, é pra a gente ver enxergar com os nossos olhos, enxergar de longe.*

A partir do que as crianças começaram a falar, a professora começou a falar sobre o órgão dos sentidos começando pelos olhos, para tanto fez as seguintes perguntas: *para que os olhos servem? Por que tem gente que usa óculos?*

Depois desse momento a professora conceituou o significado da palavra “REVISÃO”, assim disse para as crianças que elas iriam rever a letra “D” e sua família silábica.

TEMA DA AULA: Revisão da família silábica da letra “D”.

- ✓ Aula expositiva no quadro;
- ✓ Atividade xerocada e colada no caderno.

A professora escreveu algumas atividades no quadro e colou nos cadernos das crianças atividades correspondentes a temática da aula. Em seguida passou nas carteiras de cada criança para corrigir as atividades que elas haviam feito.

Quarta-feira 20 de Maio.

A aula teve início com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora passou nas carteiras das crianças para corrigir o dever de casa.

TEMA DA AULA: Família silábica da letra “F”.

- ✓ Cantiga da música “A foca”;
- ✓ Atividade xerocada e colada no caderno.

Após a rotina, a professora chamou alguns alunos para brincarem de um jogo que ela denominou de “mercado das letras”. As crianças que foram selecionadas para a brincadeira do jogo foram para o fundo da sala juntamente com a professora, assim essas crianças iam tentando colocar no cartão que continha um desenho de uma cesta com alguns objetos, letras que correspondiam à letra inicial de cada objeto da cesta ilustrada no cartão.

Em seguida a professora perguntou para as crianças se elas conheciam a cantiga da foca; ela leu a letra da canção, as crianças disseram em unanimidade de não. Então a professora cantou para as crianças, logo em seguida, as crianças já estavam cantando junto com a professora.

Ao término da canção a professora fez as seguintes perguntas para as crianças: *Na canção fala o nome de algum animal? Quais são? Onde esses animais moram? O que eles comem? A foca nasce da barriga da mãe ou do ovo? Vocês nasceram do ovo ou da barriga da mãe?*

A professora suscitou em sala de aula discussões que norteavam as perguntas que ela havia feito para as crianças. Cada criança que ia levantando a mão para falar tinha sua oportunidade. Depois, a professora ilustrou no quadro as várias formas de representar graficamente a letra “F”, também trabalhou sua família silábica.

A professora entregou para cada criança uma atividade xerocada com atividades, contendo vários animais a serem colados em suas características corporais, alimentares e origem de seu habitat.

Quinta-feira 25 de Maio.

Neste dia a aula iniciou com a rotina: oração, cantigas e distribuição das fichas. Em seguida a professora passou nas carteiras das crianças para corrigir o dever de casa.

TEMA DA AULA: Matemática.

- ✓ Cantiga do “Indiozinho”
- ✓ Quantos somos?
- ✓ Quantos dedos das mãos e dos pés nós temos?
- ✓ Noção de adição e subtração.

A professora suscitou em sala de aula discussões em torno dos numerais de 11 a 20. Nesta discussão surgiram questões que envolveram os dedos do ex-presidente do Brasil: Luiz Inácio Lula da Silva. Essas questões surgiram para trabalhar a operação matemática de subtração.

Em seguida a professora desenhou no quadro um retângulo com linhas horizontais e verticais, para representar uma malha quadriculada, nesta havia vários numerais e as crianças teriam de pintar os números que se pedia no comando da questão.

As crianças fizeram várias atividades do livro de matemática, e professora explicou cada questão. Em uma dessas atividades do livro, havia uma questão que envolvia vários

animais, e a professora passou a falar sobre esses animais, em uma dessas conversas com as crianças, surgiu a seguinte questão por parte das crianças: *Tia, o que o veado come?* A professora olhou para o livro e disse: *crianças e se eu disser pra vocês que não sei?* As crianças ficaram olhando para a professora, e começaram a lançar algumas hipóteses das possíveis alimentações do animal em questão.

Depois, a professora contou uma história que envolvia um sapo que precisava atravessar certo lago, só que na lagoa havia uma cobra, e para o sapo chegar do outro lado ele deveria pular as pedrinhas que havia na lagoa de duas em duas. A professora desenhou no quadro imagens que ilustrava a história, nas pedrinhas que ela desenhou havia alguns numerais.

1- Por que você se tornou professora?

Boa pergunta; ainda esses dias eu lá no interior na casa da minha mãe uma tia minha me disse assim 'não sei por que tu és professora, porque quando tu eras criança tu dizias que ia ser juíza, e de repente te vi fazendo uma pedagogia... Magistério fez pedagogia e agora professora'... Eu peguei e disse assim, tia eu acho que eu era influenciada por vocês em falar que ia ser juíza... Por que todo mundo só falava em juíza, advogada; e eu acabava falando... Por que eu lembro que nas minhas brincadeiras, tudo era brincadeira de escola e eu era a professora... Todo mundo dizia tua letra é linda parece letra de professora e aí foi indo... Lá também só tinha dois cursos no ensino médio, era administração e magistério, eu fui para o magistério, e é no magistério que eu digo que a gente aprende a dar aula, foi lá que eu aprendi... É como se fosse um curso de três anos só de prática, enquanto que na universidade, no curso de pedagogia não, você vai ver toda aquela teoria que embasa naquela prática que agente teve lá no magistério... Daí quando entrei no ensino médio no magistério, comecei da aula de reforço em casa que antes a gente falava aula particular e gostei, foi indo e até hoje... Só que é muito cansativo... Quando eu fiz o concurso e passei, fiquei imaginando... Vou sair da educação, que é algo que eu gosto muito... Tudo que envolve a escola eu estou presente... Quando eu vejo que os colegas não vestem a blusa da escola isso me entristece, eu fico assim, isso acaba comigo... E o fato de hoje eu ser professora é meu mesmo é de mim, de gostar de ensinar, de ajudar... Meus irmãos, minha mãe conta que eu ajudava a alfabetizar, então já era meu, e nada de juíza de direito; até porque pra me chamar alguém atenção eu choro antes de brigar, como é que eu ia ser juíza... Então assim nasceu desde criancinha...

2- Como você ensina ciências?

Eu não ensino ciências... As situações que acontecem na sala de aula... Situação da borboleta de onde ela vem, como é que nasce... Daí acaba produzindo ciências, mas dizer que eu sentei aqui pra planejar a aula de ciências, como eu planejo a aula de português e de matemática; não faço já fiz antes logo quando eu comecei a da aula tinha o horário de aula, segunda-feira é isso, terça, quarta, quinta e sexta... Agora não; não sei se são essas exigências da leitura, da escrita e do calculo que acabei deixando... E aí surge lá na minha aula do caju... Aí agente vai colocar o caju, trabalha um pouco de ciências voltado pra alimentação... Se você me perguntar assim professora o que é ciências ou ciência, eu não vou saber definir. Por que pra mim quando se fala em ciências, parece um laboratório que está montado que a pessoa vai pesquisar que vai ver o que tem naquela determinada fruta ou pedaço de carne que vai ajudar que não vai... Eu não sei... Eu vejo ciências assim, por isso te digo que eu não ensino ciências, por eu pensar que é assim o ensino de ciências em um laboratório, por mais que a concepção hoje seja diferente, mas eu ainda não mergulhei nessa concepção.

3- Por que você ensina do jeito que ensina?

É tão difícil de te dizer, por que eu ensino assim, por que eu acho que não existe o modo certo ou o modo errado de ensinar, o jeito de cada um ensinar é como se fosse de nascença, já nasceu em ti, você pode até copiar a ideia de alguém, mas tu acabas adaptando aquela ideia do teu jeito... Vou te dar um exemplo: A professora Elen gosta muito de trabalhar com a leitura de imagens, ela passa um texto, daí ela pede que daquele texto o

aluno reproduza em forma de imagem... Eu já trabalho diferente, eu trabalho o texto e vou explorar o texto no texto e não através da imagem, não que eu ache que seja melhor assim da minha forma, mas pra mim se torna mais fácil trabalhar daquele jeito, porque daí eu vou pra cima dos questionamentos, eu começo a perguntar, por que é isso? E por que não é daquele jeito? Por que é desse? Por que ele acha que é assim? Até agente poder chegar a um determinado momento que a meu vê não tenha mais como questionar, por mais que exista, mas aí eu paro ali... É eu acho que aqui tá bom pra eles e eu gosta de trabalhar não dando a resposta pra eles, pra eles verem aquilo ali ficarem curiosos; e aí agente vai constrói aquela resposta ali, tanto é que as vezes eu fico (p), quando agente está ali 'vamos lá e por que é dessa forma? E um menino vai e responde é assim... E se eu juntar com isso daqui e tal... A primeira atividade dar para ir normal assim, mas na segunda que eles já pegaram, já sabem o que eu vou perguntar, eles já respondem tudo de uma vez... E aí são os que pegaram os que não pegaram ficam meio que voando, e eu digo, vamos voltar pro outro ali... Então eu penso que deixar que eles mesmos deem aula pra eles; se eu pergunto e eles respondem, eu acho que eles que estão se ensinando não sou eu que estou ensinando, pelo contrario, estou é aprendendo com eles quando surgem questões na sala de aula... É isso, é difícil agente falar da gente...

4- Que desafios pedagógicos (dificuldades) você enfrenta ao ensinar ciências?

Olha... Como eu já te falei que eu penso muito ciências como pesquisa, eu acho que tu trabalhar no concreto com eles se torna mais fácil o aprendizado deles, e isso daí é uma dificuldade; por exemplo, quando eu fosse trabalhar o caju, se eu tivesse ali com o caju, se agente abrisse o caju, tentasse ver a castanha, se tornaria bem mais atrativo pra eles... E eu fiz isso? Não fiz, poderia ter feito? Poderia. Mas não é época de caju. Ah, mas eu poderia ter vindo para o laboratório de informática pegar imagens e daria pra fazer isso tudo e montaria os slides, mas isso tudo não dar pra fazer porque não tem internet na escola... Talvez seja mais acomodação, misturado no meu ponto de vista, com a falta de tempo nessa vida corrida que seja essa dificuldade pedagógica... Tanto é que quando falta professor no dia da hora-atividade, o que é que eu vou fazer lá na sala? Por que não dar pra você ir assim e improvisar, e é uma dificuldade pedagógica... Eu poderia prevê isso, ter previsto, assim 'eu vou deixar isso aqui porque se faltar um professor eu uso isso daqui', mas agente não faz talvez seja falta de treino, falta de costume mesmo de fazer, agente já está mesmo condicionada a preparar a aula de quarta a segunda-feira, porque na terça agente vai sentar pra fazer isso, mas ninguém pensa, e se faltar um professor da terça? Aí agente fica naquela agonia de querer improvisar, de atualizar o livro que chegou tarde, mas não é legal, não fica uma aula legal, os alunos não se concentram, em fim.

Professora Rachel tem 15 anos de docência, só na Escola Sonho Possível, 8 anos.

2- Professora qual seu objetivo de trabalhar as questões que envolvem a matemática interligada com a língua portuguesa?

Eu acho mais fácil trabalhar os dois juntos, tanto a língua portuguesa quanto a matemática do que trabalhar separado, por que eu penso assim... Nada me impede de eu tá dando uma aula de letramento em língua portuguesa em leitura e eu trazer os números... Por que o que nossos alunos daqui do 1º ano precisam saber para ir para o 2º ano? Todo alfabeto e os numerais até 30, mas se a gente for sentar e for vê com eles, eles sabem até 10 bacana, mas quando passa de 10... o 11, 12... Eles já se enrolam um pouquinho, então eu aproveito este momento pra está mostrando

também os números, como escreve os números, como chego naquele número... Pra nunca deixa um separado do outro, até pra não esquecer... Eu tenho feito pouco esse ano, ano passado eu fazia mais essas relações... É como se fosse uma revisão, sempre está resgatando número e sempre está resgatando letras, independente da aula que seja... Pode observar que a gente trabalha pouco os Estudos Sociais que é a História, a Geografia, a gente trabalha pouco, se é certo ou errado eu não sei te dizer, mas eu vejo que isso falta ser mais trabalhado na gente ou uma formação na gente em como engajar tudo...

Por que olha só, a gente teve formação em letramento na área da leitura, formação em alfabetização matemática, e aí a gente já consegue juntar; tem deficiência, mas a gente já junta, mas quando a gente chega lá pra História, Geografia, a gente já empaca, mas nada impede da gente está trabalhando mapa, em mapa a gente trabalha letras, cores, faz a leitura da legenda.

Mas aí a gente ainda não viu como encaixar tudo isso... Uma aula sobre mapa, por exemplo, tem como a gente fazer o mapa da turma pra saber o lugar de cada um com uma cor diferente, mas a gente... Por algum motivo não faz, tal vez por outras cobranças, por a gente se sentir tão cobrado na leitura, a gente acaba esquecendo essas outras linguagens, tanto é que hoje a gente sentou e fez o seguinte questionamento: nossos alunos tem que chegar lá no 2º ano lendo? É isso que a gente tem que fazer? Porque a gente se questiona? Por que os professores que estão com os nossos alunos do ano passado, que a gente achou que eles estavam bem, os professores estão se queixando... Assim “o menino conhece a letra, mas não sabe juntar os pedaços pra ler”... Aí é por isso que a gente estava se questionando enquanto a isso: até aonde vai o 1º ano? É o 1º que ensina juntar esses pedacinhos?

Olha hoje eu trabalhei a musiquinha do sapo pra falar de higiene, mas era pra falar só isso? Não, eu podia trabalhar a questão do que o sapo é, onde ele vive, do que ele se alimenta, mas teve outra cobrança... Assim “olha vocês estão atrasadas, vocês tem que correr nisso daqui”. Tem cobrança dos professores que está com turma atrasadas, tem cobrança da coordenação que acompanha um planejamento que foi feito e pra ela está atrasado... Então a gente pira pra dar certo.

Apêndice C: Roteiro de entrevista com as crianças

1- O que você mais gosta de estudar na escola?

Gosto de estudar na sala de computador, fazer desenho... É assistir, pintar, escrever e tirar do quadro... (Ana, 6 anos)

Estudar no computador, na sala de leitura e pegar livro... (Maria, 6 anos)

Eu gosto da aula dos professores que só vem quando é a vez... Inglês e espanhol... (Carlos, 6 anos)

É... Gosto de escrever e lê livros... (Vera, 6 anos)

Gosto de brincar, correr, fazer dever e pintar... (Pedro, 6 anos)

Gosto de lê... Gosto de escrever... Da fichinha e dever de casa (risos) (Rita, 7 anos)

2- E o ensino de ciências?

Ciência? Eu não sei o que é, nunca ouvi falar... (risos) (Ana, 6 anos)

O ensino de ciências? Não sei o que é... (Maria, 6 anos)

Não sei... (Carlos, 6 anos)

Não sei... (Vera, 6 anos)

Não sei o que é isso não... (Pedro, 6 ANOS)

O que é isso? (risos)... Não sei... (Rita, 7 ANOS)

3- E a natureza... O que você mais gosta de estudar desse mundo da natureza?

Gosto de desenhar animais, de fazer caracol, gosto do leão da onça, gosto do livro, gosto de fazer uma casa, as árvore, um menino... É só. (Ana, 6 anos)

Gosto do coelho (Maria, 6 anos)

Flores, árvores... (Carlos, 6 anos)

Borboleta, planta e joaninha... (Vera, 6 anos)

Gosto do planeta, da natureza, as cores... Tudo que tem no planeta (Pedro, 6 anos)

Do mar, das árvores que tem caule, das folhas e de baixo que é a raiz... (Rita, 7 anos)

4- O que você aprende na escola?

Aprendo à pinta as coisas, o dever de casa... (Ana, 6 anos)

Lê... Desenhar (Maria, 6 anos)

A lê e escrever (Vera, 6 anos)

Aprendo a lê... (Pedro, 6 anos)

Escrever e lê... (Carlos, 6 anos)

Aprendo a lê e escrever... (Rita, 7 anos)

5- E a professora...?

Acho muito melhor... Ela faz coisa no quadro e ensina agente... Ela ensina agente lê... Só... (Ana, 6 anos)

Ela é bonita, ele é boa... (Maria, 6 anos)

Ela é boa... Ele passa pouco dever (risos) (Carlos, 6 anos)

Ela ensina brincadeira pra gente... Eu gosto que ela escreve no quadro e eu escrevo lá no caderno... (Vera, 6 anos)

Dos dever, gosto quando ela passa dever... (LUCAS, 6 anos)

Ela é legal... Uma professora muito boazinha... Gosta da historinha que ela conta... (Rita, 7 anos).

6- Você gosta de participar das aulas falando sobre os assuntos que a professora Rachel está explicando?

Gosto, tem vez que eu falo, tem vez que eu fico calada (...) eu fico gostando (...) quando agente tá estudando eu falo, eu gosto (...) eu gosto de contar história. (Ana, 7 anos).

Aham, só que a professora nem chama nós, mas quando agente tiver 10 anos ou 11 ela vai chamar pra gente lê no quadro. Eu falo com meus colegas (silêncio) quando a professora deixa agente fala, quando é os numerais agente faz e amostra pra ela tudo certo. Eu fico feliz. (Pedro, 6 anos)

Não (Balançou a cabeça indicando um sinal negativo) Um momento de silêncio... (Vera, 6 anos)

Eu gosto de falar qualquer coisa... (risos) (Maria, 7 anos)

Gosto... (silêncio)... Agente fala pra saber e fazer amigos. Só. (Carlos, 6 anos)

Eu gosto muito de falar na sala, eu solto alegria... (risos)... Agente tem que aprender... Eu fico pensando tiro da cabeça e falo (risos). (Rita, 7 anos).

7- Você se lembra da aula que a professora falou sobre as tartarugas e os jabutis?

Eu acho que era um jabuti (...) eu gosto de animais. (Ana, 6 anos).

Ah! Tá lembro, eu pensava que era um jabuti, tartaruga não tem aquele toquinho assim (gesticulando com as mãos) jabuti tem um casco verde e tartaruga amarelo...

Eu fiquei pensando e tirei isso da minha cabeça. (Pedro, 6 anos)

Foi legal... A tartaruga é um ser que brinca com os amiguinhos dela... A minha prima tem um jabuti que ficou grande, porque comeu, comeu. Ele gosta mais daquela flor que tem pinguinho. (Vera, 6 anos)

É foi bom... Só (João, 6 anos)

Foi bom... (risos)... (silêncio)... Só. (Aline, 6 anos)

Não lembro... Acho que eu não estava lá (Mônica, 6 anos)

8- E quando a borboleta entrou na sala de aula, que você achou daquele momento?

Eu falei pra titia que não era pra tocar nele, porque se tocar nela tem um pozinho mágico, e aí quando agente toca no pozinho e agente passa no olho agente fica cego (...) eu ouvi lá na colônia. (Janaína, 6anos).

(risos)... Ah! eu gostei da borboletinha, a Jhamilli queria matar a borboleta e eu cheguei e dei um susto nela quase ela caí... eu gosto de animais. Tem vez que acaba o desenho numa canal e eu vejo muitos animais: borboleta verde, borboleta colorida, as asas laranjadas tudo da mesma cor. Eu já peguei até numa borboleta, só toquei assim (gesticulando com as mãos) e aí escapulio da minha mão, não deu nem tempo de pegar de novo a borboleta (risos). (Lucas, 6 anos)

Eu tava lá atrás e aí eu vi a borboleta lá atrás... foi legal, mas eu não queria que a Jhemilly matasse a borboleta, se ela morresse não é bom, a borboleta é especial pra natureza... (silêncio)... Quando agente conversa é bom, quando agente fala agente sente a natureza assim... (Fernanda, 6 anos)

Foi legal aquela aula, a borboleta ficou voando pra lá pra cá... As coisa é bonito (risos). É só. (Aline, 6 anos)

Foi bom... Só (João, 6 anos)

Ah! Lembro (risos) eu gostei muito. A borboleta é muito bonita (risos)... Só (risos) (Mônica, 6 anos)